

Amsterdã SM

Amsterdã SM

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE



Infothes Informação e Tesouro

P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
Amsterdã S M. / Antonio Vicente Seraphim Pietroforte. — São
Paulo: Annablume, 2007. (Coleção Dix Editorial)

120 p.; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-7419-713-5

1. Literatura Brasileira. 2. Romance. I. Título. II. Série.

CDU 869.0(81)

CDD 890

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

AMSTERDÃ SM

Coordenação Editorial
Joaquim Antonio Pereira

Produção
Livia C. L. Pereira – Paginação

Capa
Carlos Estevão Simonka
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
Camila Ribeiro

Foto da capa
Maria Claudia Galera

1ª edição: junho de 2007

© Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Dix Editorial
Rua Padre Carvalho, 275 . Pinheiros
05427-100 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-9727
www.annablume.com.br

Para Camila

O VERSÍCULO 12

Quem já esteve em Amsterdã sabe que lá é o melhor lugar da face da Terra. Em Amsterdã há coffee-shops e sex-shops espalhados ao redor da Centraal Station, encontrei o mundo na saída da Centraal Station.

Bem no meio da Warmoesstraat, há um coffee-shop onde servem chocolate quente misturado com café expresso, creme, White Widow para fumar.

A quarta vez na cidade, fazia do mesmo modo, seguia hospedado no Alfa Hotel de Amsterdã. Os holandeses são velhos comerciantes, aproveitam tudo; no Alfa Hotel há uma máquina de tocar música, basta colocar a moeda que toca.

Perto, há uma lanchonete chamada Eurocorner e o café da manhã.

Depois do Eurocorner, escolher um coffee-shop a esmo e fumar. Chá ou café para acompanhar a fumada, suco de laranja, sempre o mesmo chocolate no coffee-shop da Warmoesstraat.

Foi naquela manhã que tudo começou comigo, sentado na única mesa em que se via a rua através da janela. Expirava a fumaça densa da erva no meio do perfume, quando se dissipava a desvelar a rua novamente, vi Anete pela primeira vez.

O coffee-shop escuro e silencioso no seio da Warmoesstraat, fazia frio nos lugares em que não batia

Sol, as músicas vinham da televisão e dos video-clips. O frio ameno, próprio daqueles tempos de verão, por causa do brilho fraco da luz as nuvens cor de chumbo são as mais bonitas àquelas horas da manhã.

Foi assim que vi seus cabelos azuis.

A beleza difícil te pede tempo para ser olhada, Anete apareceu nas primeiras névoas do fumo. Também pode ser que não, só pude ver Anete porque fumei, fumado pode ver as coisas. Mas isso não importa.

O fumo queima, vou beber o primeiro gole de chocolate, levantei a cabeça em direção à rua. Anete apareceu, vinda de lugar algum, olhava para o mundo.

Olhos pequenos, trazia os cabelos azuis, lisos, chegavam à altura dos ombros na moldura do rosto e desciam mais longos, pelas costas. Perdido neles, o rosto fino apontava o céu como o de qualquer Nossa Senhora.

Na boca o sorriso constante, sorriso de quem fuma maconha.

O colo no vestido preto de mangas compridas, paravam bem antes dos pulsos, decote que se abre nos ombros e escorre até o início dos seios escondia peitos pequenos e abertos; atrás – um triângulo – descia para mostrar as costas. Pálida, a pele quase azul brilhava coberta no vestido preto, apertado na cintura fina. A saia acima dos joelhos, as pernas brancas, magras como os pulsos e os dedos das mãos, sem pinturas nas unhas. Anete tinha os quadris abertos também, abertos e pontudos, como imaginava debaixo do vestido justo.

Perdido em sua beleza estranha, há mais um detalhe, o mais curioso. Anete estava descalça, a saia termina antes dos joelhos, daí para baixo ela seguia nua.

Seguia adiante, como se fosse normal, perdida e sinuosa no espaço afora; mas ia firme como se marchasse, descalça sem perder o passo. Os pés magros e compridos rimavam com as mãos e os ombros no decote, os pés no chão até Anete parar em frente à janela.

Permaneceu esguia, magrinha, os calcanhares unidos em posição de sentido, as mãos cruzadas para trás do corpo. O tempo todo seu sorriso bobo, perdida mirava as nuvens.

Olhou para baixo, para mim... Olhou para o asfalto e foi-se apoiar no luminoso de rua logo ali, à beira da calçada. Parada de costas, levantou o pé esquerdo e pousou a ponta dos dedos no chão, como se fosse cabra. Seu pé sujo com a poeira das ruas, da cor do céu, cinza brilhante.

Foi então que me levantei e saí.

Saí e quando cheguei na porta, do lado da janela, Anete havia ido embora.

O REINO VEGETAL

A planta de Amsterdã é a tulipa; sua flor e as sementes são encontradas em qualquer lugar da cidade. As tulipas, os vários tipos de ervas, plantas coloridas nas janelas das casas nos bairros afastados do centro.

“Cláudio – dizia o Egípcio – os vegetais não são como os animais, dotados de alma mortal e individualizada.

Entre os vegetais não há alma, mas essência”. Em sua filosofia, essência tem dois sentidos: é o contrário de existência, sentido que define o domínio metafísico da doutrina; mas também significa perfume, seu domínio físico. A essência da planta é própria de toda a espécie, está em todas as plantas.

Os vegetais têm natureza venérea, se reproduzem a partir de si mesmos por meio de mudas e mantêm a coerência da espécie porque persistem na mesma essência. Vem daí, ao ingerir ou inspirar a essência das plantas, ela te possui como uma entidade.

Anete apareceu porque eu estava possuído pela White Widow, sua imagem foi a forma humana da planta inspirada. Ao cruzar o limiar da porta do coffee-shop, o contato com a materialidade da rua a transformou em outras coisas, apesar de ainda estar lá de modos diferentes, eu não poderia mais ver.

No meio da rua, a obsessão pelos acidentes – o cabelo azul, o vestido preto, os ossos pontudos, a palidez e, sobretudo, descalça.

Quando dei por mim, estava no bar da frente, face a face com o gay careca, branco, vestido de couro preto. Abordava sem formalidade, perguntava pela menina que havia sumido.

Olhos nos olhos, dentro das pupilas vi refletida minha expressão de loucura, lívido, completamente aplicado. Reconhecer o domínio invadido no giro de cabeça, retornar e o gay ainda estaria lá, imóvel e feliz.

Ele e todos os outros, todos iguais, carecas e vestidos de couro preto pelos cantos do bar, bebendo, fumando, alguns namoravam. Incontáveis, não porque fossem tantos, mas porque, de tão parecidos, seria impossível não se perder.

AS CASTANHAS E AS VACAS

Anete era tão imperfeita que fazia tudo parecer confuso. Por que descalça?

Voltei ao chocolate e ao fumo, precisava beber e fumar para poder pensar. Sentei-me no mesmo lugar, na janela a mesma rua, nada se repetiu enquanto a cena toda continuava intacta na cabeça, veria cada instante em detalhes.

De novo no meio da rua, acendia o cigarro, a nicotina e a calma.

Pela esquerda, chega-se no antigo e famoso prédio da Prefeitura, pelo contrário, na Red Light. Se fosse em Roma, iria pela esquerda, apostei no contexto da cidade e fui para o outro lado.

Aos poucos, os sex-shops começam a aparecer. Antes deles, há uma delegacia de polícia na Warmoesstraat. Lá dentro eu vi as mocinhas de farda, cassetetes de borracha e algemas nas cinturas finas. Do mesmo lado da rua, vi o primeiro sex-shop, outro careca de couro abria as portas, os chicotes, algemas e pintos gigantes enfeitavam a vitrine da loja.

Quando cheguei no fim – a teoria de tudo – vários caminhos se abriam em leque, havia as ruelas pelas quais passara direto somadas às do final da rua. Entrei num coffee-shop, no café como estimulante, quase pergunto à moça peituda do balcão se Anete passou por aqui.

Na esquina, vi a banca de revistas para adultos. Gays, lésbicas e sadomasoquistas são as personagens principais, até algumas heteros havia por lá, as mulheres das capas das revistas com chapéus de cowboys e coletes de franjas.

Tanta pornografia à mão e eu ali, perseguia uma sombra.

BDSM E O MALTE

Acordei por volta das seis horas da tarde, estirado na cama do Alfa Hotel segurava meu pinto murcho. Ensaíava punhetas com as duas mãos, todas as mulheres eram uma só, ora não eram mais. Apaixonado, precisaria vê-la novamente e dizer o quanto amava. No meio da punheta, uma voz soava distorcida como as de canções eletroacústicas... muitas vezes melhor que a própria foda... substituída por uma das capas das revistas pornográficas que vi de relance.

Partindo da Centraal Station, pode-se seguir pela Damrak ao encontro dos restaurantes e dos cardápios afixados nas janelas. Por volta de oito horas da noite, a única droga no corpo é queijo, na casa de massas e pizzas só me restava rezar.

Garrafa de 500 ml de uísque em direção ao Brouwersgracht, lado calmo da cidade com iluminação serena e muitos bancos para sentar ao longo do canal principal.

No frio delicioso, metade do pacotinho de White Widow, enquanto prendia a fumaça e os goles na garrafa. Expirar bem devagar para deixar o perfume da erva, feito espírito, fazer o mesmo na bebida e sentir o odor do malte por dentro, na boca, no nariz e na capa da revista pornográfica.

Em direção ao Prins Hendrikkade, ainda estaria lá.

Ver a revista de perto, sua humanidade nas mãos e seguir com o tempo da noite através das cordas trançadas e o corpo da foto da moça sem roupas, toda amarrada.

A produção caseira, o cenário acaba antes do enquadramento e várias modelos, de outros ensaios, parecem enfasiadas, menos a da capa.

Aconteceu quando entrou no estúdio para se preparar. Começou pelos sapatos e as meias, descalça tirou a blusa, a saia, estava nua na mira de metros de cordas e da fotografia.

As mãos amarradas às costas, em cruz. A corda prendia os braços pelos pulsos, dava voltas ao redor da cintura, desce pelo púbis, vai entre as pernas para se prender nos pulsos. Subir para se enrolar em argolas chumbadas no teto, permanecer suspensa, apoiada no chão com os dedos dos pés.

Outra corda a passear entre os seios grandes, aperta forte, segue pelos ombros em direção a outras argolas.

Os tornozelos amarrados juntos, a corda para elevá-la no ar, para terminar amordaçada com a ball-gag ao redor do rosto, tudo registrado como um manifesto.

A CLOROFILA E A HEMOGLOBINA

Fui-me perdendo pelo bairro e ainda vi duas excursões de japoneses assistindo às putas nas vitrines. Ancorado no bar, pude observar o movimento, os meninos e as meninas escapavam das filas para os sex-shops e os pintos de todas as formas.

Eu também fiquei feliz; ao apanhar outro cigarro no bolso do casaco, a mão roçou pela moça amarrada.

Durante a fumaça, já sabia decor todas as fotos do ensaio, gostei mais de duas.

Havia seu rosto, batido no final de tudo, os olhos quase fechados acompanham a forma redonda da ball-gag no retrato oval. A bola de madeira enorme obriga abrir a boca, deixa os lábios mais grossos, mostra parte dos dentes. A fita de couro da mordaça afivelada na nuca, os cabelos despenteados presos e caídos em desalinho.

A outra era dos pés. Amarrados firmes pelos tornozelos, a corda desce na fotografia para suspender as pernas e expor as plantas no ar, os hálux presos nas algemas de argolas pequenas e dentadas.

As duas imagens pairavam na mente como dois quadros famosos num museu erótico. Flutuavam no ar, apareciam nas molduras contra o fundo de cortinas negras, as cortinas negras a balançar com o vento, feito ondas.

As ondas ficaram cinzentas e foram se dispersar no ar, viraram fumaça, detrás das fotos a brasa do cigarro brilhava como o centro da Terra.

Resolvi sair e seguir a primeira pessoa que passasse na rua.

No meio da multidão, resoluto, persegui o árabe distinto, faz de conta que sabia o rumo. Na mão esquerda segura o colar de contas verdes, passa o colar entre os dedos como se reza um terço, na direita traz o charuto de haxixe enorme.

À medida que se penetra naquelas vielas, o público vai se transformando. As excursões são cada vez mais raras, em questão de dois ou três quarteirões há apenas tráfico. O árabe foi pelos caminhos escusos, evitava tudo.

Caso se penetre ainda mais nas entrelinhas, a multidão diminui, o barulho dos vendedores some, ouve-se o som dos próprios passos. Lá, percebi que o árabe cantava, se vinha cantando, não sei.

A música composta por variações do tema, o tema que se repete sempre, nunca do mesmo modo. Às vezes, imperceptível, outras, desfigurado.

Um em cada calçada, no final da rua alguém veio em nossa direção.

Vinha marchando no ritmo do canto, diminuía o passo ao encontro da voz.

Eu também parei.

O desconhecido vendeu alguma coisa ao árabe, ele se virou – acenava – atravessou a rua com o cigarro pendurado na boca, a mão que fez o negócio metida no bolso da calça.

Diante de mim, estendeu a mão e o comprimido:

– Expulsai os castos do Islã, eles corrompem o povo.

Enquanto eu levava o presente à boca e engolia a pastilha, ele se foi.

Sozinho, vi que atravessara tranqüilamente a rua.

No mesmo lugar da compra havia uma escada, pouco abaixo da calçada a escada dava para a vitrine coberta por cortinas vermelhas. A luz vinha de dentro e indicava movimento na casa.

VERÔNICA, ENXUGA MINHA FACE

Golden shower, spanking, tickling and tied, bondage acima da vitrine e a tabela. Perdido entre os preços cobrados, comecei a ouvir barulhos e rumores.

Depois do canto do árabe veio o silêncio, bem no meio do silêncio, o chiado distante como ruído de rádio, antes da sintonia.

Se fiquei horas ali parado, alucinando em frente àquela casa, lembro-me apenas de que fui aparecer no Prins Hendrikkade, diante da Centraal Station, o chiado havia se transformado em bandos de morcegos a sobrevoar o local.

O SEGUNDO DIA

Os morcegos voavam, depois da revoada dos morcegos voltei para o Alfa Hotel e dormi. Agora, durante

o café, insistia em lembrar a lista de preços da noite passada; talvez pudesse retornar, se é que existe casa.

Naquela manhã, céu nublado, cinzento e brilhante, fui fumar num coffee-shop a oeste do Prins Hendrikkade. Comprei Super-Skunk e fumei do lado de fora mais as tragadas com chá.

O skunk é verde-claro, seu perfume combina com o perfume de hortelã que exalava da xícara.

A fumaça do skunk é densa, ela se concentra no ar com intensidade, não se vai tão fácil. No meio da fumaça esperei, nenhum sinal de fumaça da casa, na xícara de vidro transparente a água fica cada vez mais turva.

Há dezenas de casas em Amsterdã, há pelo menos uma dona em cada uma delas. Mesmo assim, no sentido contrário do Sol, caminhei para o lado leste da cidade; com certeza, encontraria algum indício seu.

O ímpeto que já não dura, ao passar em frente à Damrak, por sorte, mudei de idéia.

No momento exato de atravessar, desviei o olhar da Red Light e vi a Damrak em todo o seu esplendor, por isso parei. Tudo nela brilhava como Amsterdã, cinza-esverdeado, deixa os olhos piscando, quase fechados.

Fascinado, dobrei à direita e segui na direção da Museumplein.

À beira das calçadas, havia algumas estátuas vivas e músicos. Havia um teatro de bonecos, não com marionetes, mas com bonecos de corda, o palco na carroça vermelha. Três músicos, dois tocavam tambores e o outro,

acordeão. Eram grandes também, do tamanho de crianças gordinhas. O senhor dono do brinquedo, vestido como os bonecos, chacoalhava as moedas recebidas da platéia na caneca de metal ao ritmo alegre do palco. Os percussionistas, de braços duros, ainda batiam duros nos tambores; só o acordeonista mal mexia o dedo, perdido na profusão de notas que soavam nos carrilhões da máquina.

Os três são músicos muito loucos, duros, as caras alegres expressam almas bem humoradas. Tocam sem parar regidos pelo maestro humano, o deus que anima seu mundo de madeira.

A música soa imprecisa, contínua, toda torta; a máquina interfere em cada compasso, marca seu estilo, o maestro humano a acompanhar as peças.

Velho do caralho!

Explora os músicos de pau, que trabalham sem parar, e aquele bosta chacoalha a caneca cheia de dinheiro, enquanto as indianas são as mais bonitas da rua, às vezes, via duas ou mais caminhando de braços dados, feito namoradas.

A Warmoesstraat corre paralela até a Damrak terminar na Dam e começar a Rokin. Pela Rokin o caminho perde diversidade com as ruas iguais, cor de cinza, até chegar na Muntplein e Amsterdã se repartir em uma série de Grachts, pela Vijzelstraat, na direção do Stadhouderskade.

As portas do Rijksmuseum ficam à sua direita, como as portas de uma fortaleza; bem no meio da construção há

a passagem escura, feita de tijolos, que dá acesso aos outros museus.

Àquela altura da história, o dia estava nublado, cobria a cidade de chumbo. Percorri o túnel até a Museumplein e entrei no Stedelijk Museum.

AS GALINHAS

O Stedelijk Museum está de acordo com Amsterdã, seu acervo de círculos e quadrados forma um mapa mental da cidade.

Os quadros em exposição são mapas do que se passa na imaginação de Amsterdã, fazem do museu um grande complexo cartográfico. As salas são os lobos do cérebro eletrônico, brancas, cor de gelo, cada tela parece uma placa de circuito integrado.

No primeiro andar havia a exposição de fotografias, retratavam o cotidiano de um rapaz soro-positivo, fotos bonitas de uma vida comum. Nunca pensei que seria animador ver todas aquelas cenas, a guerra biológica ganha dos efeitos maléficos dos raios X quando as deixei para trás, impregnado da luz esverdeada que se desprendia delas.

Inevitável procurar alguma coisa dentro da cabeça, algo diferente, a dor diferente. Perdido nos corredores com vontade de fumar, parei diante da tela branca: o losângulo equilátero branco atravessado por dois riscos pretos em forma de cruz, o centro da cruz deslocado não coincide com o centro do quadro.

Surge como os mapas do museu, aquele que indica o centro deslocado de sua cabeça magnética, diferente da outra em que toda a figura é tecida por diagonais e quadrados, registra muitos centros longe dali.

As demais seriam variações, demarcam formas e cores a partir do desequilíbrio. Músicos, operários, mulheres, aos poucos as pessoas aparecem devagar, até tomarem conta da maioria delas.

Enfim, dois homens sentados à mesa. Um deles loiro, cabelos cacheados, limpinho, feito guitarristas da fase decadente do heavy-metal. Vestia camiseta azul com a boneca estampada, estilo ânime japonês. Delicado demais, olhava para as coisas como uma mulher olharia. O outro era deveras homem, cabeludo também, mas cabelos pretos, como a roupa toda de couro. Em cima da mesa havia uma galinha assada, ele brincava com a comida, sodomizava a galinha com o dedo médio.

Foi o último quadro que vi naquele dia. No meio da escolha difícil entre o viadinho e o estuprador, saí do museu para fumar cigarros.

MATA-ME DE AMOR COM TEUS LÁBIOS

Na Museumplein há alguns quiosques em que se pode comer, beber, comprar punhados de cartões postais.

Café e cigarros, só disso que eu precisava por hora.

Fumei três, um depois do outro a me distrair com as turistas. A mais bonita, a menina ruiva lia enquanto as

amigas compravam, lia em alemão, com facilidade enxerguei na capa *Sonette an Orpheus*.

Percorri novamente o túnel do Rijksmuseum, pela direita, o caminho do Stadhouderskade.

Naquela região, há um coffee-shop a que chamo coffee-shop do Egípcio.

Na primeira vez que estive em Amsterdã, passei por ele voltando dos museus e travei conversas ligeiras com um homem que veio de lá. Além disso, na maioria das vezes em que chapei no lugar, encontrei o homem muito louco, fumando muito. Bar meio fodido, só servia Super-Skunk e o café era por conta da casa, xícaras e xícaras de café.

O Egípcio estava lá.

A única mulher ali, a menina gorda fazia picadinho da porção de erva com a tesoura guardada na caixinha de lata vermelha. Fumei e fumei para perder a noção de tempo, até tudo e todos não passarem de borrões difusos suspensos no ar.

Quando dei por mim, estava faminto.

Voltei pelo mesmo caminho: Rokin, Damrak, sempre as mesmas ofertas: ecstasy, coca,... Condicionado, comprei qualquer pastilha.

No meio da Damrak atravessei a rua e segui as vielas que desembocam na Red Light; na lanchonete amena, pedi sanduíche e milk-shake de caramelo.

Lá fora quase nada, algumas pessoas andavam, quando uma mulher entrou. Morena, cabelos pretos e

curtos, à altura da nuca, escura, exceto pelos olhos verdes e vivos. Sentou-se para comer com calma, olhos baixos nos pratos e nos talheres.

O sanduíche perdeu o gosto que tinha.

Aos poucos, com a noite, algumas sombras começaram a se projetar nas calçadas e tudo ficava mais evidente. A rua, o lugar... Era como se a fumaça do baseado fumado de manhã começasse a fazer efeito agora, só por causa dela, que comia lentamente, mastigava cada fatia.

Engoli o que tinha, precisava acabar primeiro. Quando se levantou, estava pronto.

O mesmo céu de chumbo... A rua, a calçada vermelha... A moça atravessou para o outro lado da rua. Blem! Blem! Fez o bonde que passou por ali, a Lua redonda no céu cor de prata. Ela entrou na casa, a casa que já existia.

A casa da noite anterior, fiquei ali parado, quedei-me e esqueci-me na cadeira da lanchonete para ver Verônica pela primeira vez.

A BOLINHA COR DE ROSA

Não sei porque não entrei.

Assim que anoiteceu acenderam as luzes da casa, levantei e segui para a Red Light.

Parei num bar, pedi coca-cola, engoli a pastilha qualquer, cor de rosa.

Seria bom se tivesse voltado e convidar Verônica para jantar.

Me sentia bem, fazia tempo que só perambulava à esmo por Amsterdã, hoje havia a vaidade e a ereção que se insinuava.

Em outra casa, como amoras, naquela hora da noite muitas amoras pareciam bonitas.

Longe de Verônica, entrei no lugar e passei ali a noite toda.

O TERCEIRO DIA

Alfa-Hotel, Eurocorner, o coffee-shop jamaicano chamado Rasta Baby. Por volta do meio-dia, eu esperava a hora certa para procurar Verônica e sua casa. Quando toquei a campainha e ela me recebeu, os seios descobertos, piercings nos mamilos pontudos, foi mais fácil, parecia que me esperava.

Arrumado desde àquelas horas da manhã, pronto todo de preto, passei a tarde zanzando pela Muntplein, entrei em vários cinemas para me distrair. De noite, no restaurante chinês comi como mandarim; comi, bebi, saí de lá chapado de tanta comida, procurei alguém vendendo cocaína pelos cantos do Nieuwendijk.

Dois papéis no bolso do casaco entrei no bar, pedi a dose de uísque, mandei a primeira carreira. A droga boa desce suave, anestesia o nariz e o céu da boca, acendi como um farol de milha.

Voltei ao balcão, bebi mais uma dose.

A meia-noite batia nos relógios das praças, no meio do caminho vi as tulipas vermelhas. Comprei várias, um buquê de tulipas, quando apareci foi a primeira coisa que Verônica viu.

A TERCEIRA NOITE

– São para mim? – perguntou escondida atrás dos olhos verdes – Não é todo dia que recebo um cavalheiro tão gentil.

Retribuí o sorriso.

Segurava o buquê entre os seios pontudos, os piercings dos mamilos brilhavam refletindo as luzes amareladas da rua. Me deu as costas, a bunda empinada na calcinha fina de couro preto, os saltos altos a empinar Verônica.

Ofereceu a cadeira, sentada de frente cruzou as pernas e me vigiava por trás das flores.

– Posso fumar?

– Claro que pode, em Amsterdã você fuma o que você quiser, não é assim?

Pensei em cigarros, dei com o pouco da Orange-bud que sobrara do café da manhã. Depois de algumas tragadas, ofereci.

– Não acredito. Ou você errou de endereço ou é o maior pervertido que já entrou na minha casa. Aceito sim.

– Como é o seu nome?

– Meu nome é Verônica.

Ouvir Verônica, seu nome bonito...

– Agora o seu? – perguntou no meio da fumaça.

– Meu nome é Cláudio.

– Muito bem, o que Cláudio veio buscar na casa de Verônica?

Titubeei diante da pergunta. Agora, consigo no meio da fumaça, não sabia o que responder.

– Não sei...

Verônica mostrou os dentes brancos, abria parte da boca.

– Quer dar mais uma olhada na tabela lá fora?

– Não, não é isso... Entrei porque tive vontade, só isso.

– Só isso?

– Não, não é só isso... – E agora? Conto tudo? Mas tudo o quê? Desde quando? – Você se importa de conversar?

– Claro que não. Gostei de você, SM e gentil, como combina bem. Vou te mostrar o quanto sou educada: aceita beber conhaque?

Voltou com a taça redonda, bebeu devagar, passou adiante; enquanto eu bebia, Verônica apanhou meu casaco deixado por ali e se cobriu inteira. Descalçou as sandálias, permaneceu na poltrona feito monja, envolvida na lã.

– Posso mandar aqui?

– O que mais você traz, todas as drogas da cidade? Pode sim, eu aviso quando fizer alguma coisa que você não pode.

Estiquei as carreiras e ofereci.

– Isso é uma fantasia?

– ...

– Eu quero...

À luz da coca pude ver melhor.

Estava no cômodo da frente, aquele que dava para a rua, a iluminação fraca e vermelha como as cortinas fechadas. Além de nós, no centro da sala o divã, pronto para prender quem se deitasse nele; nas paredes chicotes de todos os tipos, da seda ao couro, de todas as formas. Ao lado deles cordas, algemas, pintos eletrônicos... argolas nos cantos e no teto.

– E então, Cláudio, gostou da minha casa?

A ALMA EXTERIOR

– Ela é maior – continuava – tem mais cômodos; um no fundo e outro no andar de cima, estes são os cômodos da casa de Verônica.

Acendi o cigarro.

– É acolhedora...

Só consegui ver o rosto, ela toda coberta. Os olhos brilhavam quando achou graça da resposta, os lábios suspensos nos cantos da boca.

Empinava o nariz, as pupilas viraram duas bolinhas.

Olhava para si mesma – a deusa da dor – escoltada pela coleção de chicotes e algemas, virada para mim, perguntou:

– Acolhedora?

Isso mesmo: aquecida, servida com conhaque, vermelha, à meia luz.

– Você caiu do céu. Em uma noite vazia nunca me apareceu alguém assim, distribuindo tudo que tem nos bolsos. Acabou a bebida, senhor cavalheiro, que tal sairmos por aí e procurar alguma? Você é meu convidado... A não ser que queira ficar.

– Sou seu convidado, vamos.

Desceu da poltrona, devolveu o casaco, pude ouvir o som dos pés descalços subindo as escadas.

Outro som voltava, o toc-toc dos saltos de botas de couro, cobria-se no sobretudo de couro preto, como as botas.

Estiquei mais uma dose.

Verônica inspirava com elegância, bem devagar, fechava os olhos como se inspirasse o perfume de uma flor aberta. Abriu a porta para mim e saímos.

Na rua, segurou meu braço.

PEIXES DE SALTO ALTO

Há, bem no meio da Warmoesstraat, um bar chamado Gueto.

Jantaríamos lá várias vezes, eu mesmo já conhecia o lugar. O salmão, bom, a torta de maçã, melhor, coberta de creme.

– Você é de onde Cláudio? De que país vem me visitar?

– Do Brasil.

– Você fala bem holandês.

– Falo bem holandês e alemão. Leio bem em alemão...

– Meu convidado é um filósofo?

- Literatura, leio prosa e poesia alemãs.
- Declame alguma coisa para mim.
- Quare quicquid habes boni malique,
dic nobis: uolo te ac tuos amores
ad caelum lepidio uocare uersu.

A boca na meia lua em quarto crescente, branca como a neve.

- Isso é latim, Cláudio, pensa que me engana.

Acendi o cigarro e fixei os olhos no copo para lembrar de tudo sem errar nada, sem dever começar de novo.

- An diesem Morgen nach der Nacht, die bang
vergangen war mit Rufen, Unruh, Aufruhr, –
brach alles Meer noch einmal auf und schrie.

A meia lua na boca, a bolinha do piercing no nariz brilha como estrela.

Acima do sorriso os olhos tristes, vagos... A cena passava como se soubesse de antemão o que aconteceria, livro lido em desânimo mortal. Quase castigo, lia novamente.

- E você, de onde vem?

– Eu venho da Espanha, mas nasci numa região perto do Mar Vermelho.

Detida no copo, deixou o sorriso descansar um pouco, perdida no vazio que parecia ser a sombra de tudo que pensava. Mexeu-se de um lado para o outro como se saísse do transe; para se aquecer dentro do sobretudo, encolhida.

- Meu Cláudio fala muitas línguas.
- Só falo cinco, contando o português.

– Você é uma surpresa atrás da outra. Te convidei por causa disso e por causa das tulipas, e você aceitou por causa da minha casa.

– Aceitei por causa do salmão e da sua casa.

– Minha casa é minha casa, acho que não vou te vender o que você quer.

Verônica pediu mais duas doses de uísque.

– Você é muito educado, Cláudio que fala alemão, por isso vou ser bela, boa e verdadeira contigo. Minha casa, por enquanto, tem três quartos: o da frente, o de trás e o de cima. No de trás, tem o que você veio buscar, mas o da frente é meu.

– E o de cima?

– No de cima fica minha biblioteca.

O vento frio soprou da direção da porta, Verônica se encolhe mais, bebeu outro gole.

– Sente-se a meu lado e me abrace.

Obedeci.

Entrou dentro de mim e pousou as pernas sobre as minhas pernas, feito menina. Ficou em silêncio, deu tempo de fumar o cigarro inteiro e pensar no próximo do maço.

Quando ia fazendo o movimento em direção ao bolso, me segurou o pulso e levantou o rosto:

– Estou com fome. Vamos comer?

SEXTA-FEIRA SANTA

Verônica pediu salmão e trocamos uísque por cerveja. Ela comia com prazer, saboreava cada mordida. Gemia devagar baixinho, revirava os olhos para cima e sorria da boca para fora, os lábios fechados para mastigar as batatas.

Eu não comi nada.

Durante a sobremesa, fiquei me distraindo com Verônica a limpar o creme dos lábios com a língua. Quando acabou, continuou brincando, prendia o piercing da língua entre os dentes.

– Sou toda furada, não sou? Você tem algum?

Recostada na cadeira, bocejou de sono.

– Vamos dormir?

Chamou o garçom, pagou como uma dama, guiou-me pela rua afora apoiada novamente em meu braço.

Na rua, seu silêncio tomou conta de tudo até quando, diante da porta, resolveu falar como se escrevesse cartas:

– Meu querido Cláudio, que foi uma agradável companhia para a senhorita Verônica em uma noite que se tornou muito especial, eu reservo uma surpresa também especial. Venha amanhã à noite, à minha casa, que ela estará esperando por você.

DURANTE O DIA

Ainda no Alfa Hotel, fiquei um bom tempo a olhar para a rua através da janela do quarto. Uma chuva miúda

caía silenciosamente, impedia de sair logo de manhã. Sentado na cadeira, fumei o que havia sobrado de ontem. Quando a chuva passou, não tive a menor vontade de me mexer.

Sonhei com Verônica durante a noite.

A mulher do sonho não tinha seu rosto, mas eu sabia que era Verônica. Antes de dormir, tive vontade de ler, coisa que não fazia desde que resolvi vir para Amsterdã. Não trouxera livros dessa vez, esperei a vontade passar e adormeci.

No sonho, encontrei Verônica exposta nas vitrines das putas; só não era a mesma casa, era outra, toda pintada de branco. Verônica lia a *Crítica da razão pura*, de Emmanuel Kant, sentada na banquetta igual àquelas de lanchonetes em que crianças brincam de rodopiar. Não me lembro de ver os pés, mas sei que tinha as unhas pintadas de branco; as das mãos também... agora, seus olhos eram azuis.

Aparecíamos nos telhados das sinagogas do bairro judeu, Verônica mostrava a cidade como guia turística. Do ventre surge a gaveta da caixa registradora, ela faz a contabilidade, as folhas de maconha no lugar do dinheiro. Apanhou punhados de folhas, foi enrolar as folhas nas coxas para fazer charutos, feito cubana. Quando passou a bomba adiante, disse:

– Vamos fazer uma rebelião.

Ficou de cócoras, levantou as saias do vestido longo feito de couro branco, de dentro dela saíam tanques de guerra, tropas de choque, infantarias, cavalarias... lança

mísseis... canhões puxados por cavalos, elefantes, fanfarras... As imagens riscadas no sonho como nos documentários das guerras.

Verônica tinha os cabelos compridos caídos sobre o corpo. Enquanto paria, pedia que lhe fizesse a trança bem apertada, que puxasse cada fio bastante para no fim, Verônica ser raptada pelo júri das mulheres medonhas, o júri a rasgar-lhe as roupas furioso.

Ela lutava, distribuía murros e pontapés, furiosa também quando lhe tiraram as botas e teve de pisar descalça no chão de terra, coberto de pedras pontudas. Algemaram as mãos para trás do corpo, amordaçaram-lhe a boca para evitar seus gritos, Verônica foi levada embora por uma longa estrada de ferro, dentro do trem fantasma.

Quando acordei de novo a tarde corria solta, a chuva havia recomeçado fraquinha, como antes.

Adormeci, creio que misturava dois sonhos.

A PORTA DOS HOMENS

– Aqui as pessoas devem ficar atentas, espertas...

Dizia a rapaz inglês, sentado comigo à mesa do Rasta Baby. Tragava o cigarro de haxixe, ofereceu a próxima fumada. Eu escolhia chá, apreciava o saquinho de chá colorindo a xícara transparente debaixo do pires, quando pediu licença.

As mesas ocupadas, acomodou-se ali, aceitei o fumo em sinal de amizade dando-lhe ouvidos para que falasse bastante.

– O lugar é legal, mas tem seu lado perigoso. Não é um perigo letal, mas pode ser. Não estou falando das drogas, isso é o legal daqui; venho de Londres todo fim de semana só para fumar sossegado, de dia, num bar assim, as janelas abertas, todo mundo vendo. E então?

– Muito bom! – devolvi o cigarro.

– É uma mistura boa, coloco um pouco de tabaco para segurar a brasa, bastante skunk e pontuo com um monte de bolinhas de haxixe. Depois, aqueço o cigarro de leve com a chama do isqueiro para derreter as bolinhas. Aí está pronto... Muito bom!... Mas como eu ia dizendo, aqui pode ser perigoso. Uma vez, conhece aquele caminho que vai para a Red Light, seguindo pelo Prins Hendrikkade? Uma vez eu vinha de lá com uma menina, estávamos juntos. Era depois das horas e eu me distraí ficando por lá. Vinha todo bobão, tomando café, quando três caras vieram para cima da gente e deram uns amassos nela. Ela saiu numa boa, mas eu banquei o corajoso e empurrei o cara mais alto, que estava no meio dos outros dois. Empurrei e dei as costas, quando senti um chute raspando bem na minha bunda. Olhei e ele me desafiou para pau, enquanto os outros dois iam embora, chamando pelo grandão. Nem doeu nem nada, eu saí de fininho, junto com ela. O cara era do tipo nazista decadente, magro, grandão, com a cara e os dentes todos fodidos. Tome, fume mais, vou buscar cerveja. Quer?

Respondi que não, que preferia chá, o cigarro eu fumei. Quando voltou:

– Há uma hora certa para cruzar a ponte... mas antes tem de cruzar a ponte? É isso que acontece aqui. Depois de uma certa hora, os seguranças vão dormir e a polícia some. Aí, é por sua conta...

De saída, fiz menção de lhe devolver o cigarro, recusou.

– Fique com ele, é um presente. Tenho mais dois aqui no bolso.

Na outra mesa havia outro rapaz.

Esse não falava com ninguém, só consigo mesmo. Ouvia diskman, comentava o que ouvia, ele e o amigo invisível. Gesticulava, ria, se espantava... fumava um cigarro de haxixe atrás do outro, bebia copos e copos de cerveja.

Olhei pela janela e vi as nuvens lá fora. Continuavam cinzentas, bonitas e complexas misturavam o preto e o branco. No meio delas, uma luz vermelha, como um farol, piscava o nome Verônica.

A PORTA DOS FUNDOS

– Pssss! Faça silêncio e pise devagar, vai por esse corredor curtinho e entre naquele quarto ali – ordenava Verônica, cobria a boca com as mãos.

Indicou o lugar da luz amarela.

A porta da sala da frente entreaberta, sem a luz da coca só tive a luz do quarto de guia. Olhei para trás, Verônica havia sumido.

O chão, o teto – do teto pendia a lâmpada sob a cúpula preta – as paredes cobertas de madeira, parecia uma casa das montanhas. Sentei no sofá de couro preto, encostado na parede; no chão, rente ao sofá, o tapete cinza felpudo imitava pele de carneiro.

Os olhos na meia luz, pude ver a série de argolas de aço, chumbadas aqui e ali, regularmente dispostas. Em um dos cantos, encontrei também o baú, fechado com cadeado.

Os ouvidos no meio do silêncio, percebi sussurros no quarto da frente. Fui reconhecendo os “erres” aspirados, os “us” labializados... falavam francês. Falavam devagar, até que pude separar a voz de Verônica da outra voz. O sotaque carregado, falava mal, parava várias vezes para lembrar das palavras... A outra falava quase cantando.

Creio que discutiam. Por fim o sussurro e o grito, feito susto, o grito mudo e os gemidos abafados, ainda ouvi o crec-crec metálico antes do silêncio total.

Os saltos altos pelo corredor, Verônica entrou vestida como na outra noite. A outra mulher a seguia presa na coleira, os olhos vendados, a boca amordaçada na ball-gag enorme. O colo descoberto, os seios grandes balançam com as mãos algemadas às costas. Vestia só a saia de couro preta, curta, justa, meias escuras e sapatos fechados de saltos altos.

Verônica entrou, foi prender a coleira na argola da parede diante do sofá. Longe do chão, no alto, a moça apoiada nos saltos para não sufocar, Verônica sentou-se a meu lado.

– Vamos falar holandês, assim ela não entende.

Abalada, presa na parede, tentou protestar, mas não dava.

– Você tem um baseado pronto? Se não, faça, que vou buscar a garrafa de vinho. Cuidado, não deixa ela perceber que não estou sozinha.

Debulhar o skunk, misturar um pouco de tabaco para segurar a brasa, coloquei algumas bolinhas do haxixe mais forte que encontrei no Keizersgracht. Enquanto fazia, admirava o corpo magro da mocinha presa, os mamilos rosados toda vez que se mexia presa.

Quando Verônica voltou, eu aquecia o cigarro na chama do isqueiro. Serviu o vinho nas taças de cristal, o perfume da fumaça e o barulho do brinde com alguém na sala.

Verônica cruzou as pernas, insinuou a amiga com os olhos.

– Tire os sapatos assim mesmo como você está – falou calmamente, em seu francês ruim.

A moça se recusava, Verônica bateu os saltos das sandálias no chão para fingir que ia na direção do baú. Bastou para que obedecesse, a resistência vira tentativa difícil de se descalçar.

Conseguia se livrar de um, esticava as mãos para se equilibrar apoiada na perna, feito garça. Ele caiu, por pouco não caía também, podia ter se sufocado quando o pé descalço tocou no chão, na ponta dos dedos, se ainda houvesse salto.

No fim descalça, não sabia se os pés rentes ao chão e engasgava, ou se esticava toda para respirar.

Verônica viu tudo sem se mexer, atenta nas tentativas.
– Agora as meias.

Teve de parar várias vezes para respirar.

Quando terminou, a transpiração a escorrer pelo rosto, ao redor da boca, Verônica foi até ela. Tirava a saia, afastou-se para admirar a prisioneira nua.

VINHO TINTO

Verônica descalçou as sandálias, caminhou quieta até o baú.

Abria a fechadura e a tampa sem fazer barulho, veio de lá metros de cordas. A moça esperava ansiosa, gemia ansiosa, Verônica em sua direção ajoelhou-se aos pés, amarrou os tornozelos finos.

Agora ficava de cócoras, não pude ver o que fazia, só o ruído de metal de novo no meio dos gemidos. Quando voltou ao sofá, havia-lhe prendido os hálux na algema de dedo, apertou bastante as argolas dentadas da algema.

– Vamos fumar – propôs Verônica, encheu as taças de vinho.

Parecia haver se esquecido de mim, maravilhada, a obra que sofria para si mesma e para nós dois.

Dobrou os joelhos, colocou os pés no sofá. O cálice numa das mãos, o cigarro na outra, intercalava os goles e os tapas. Depois de expirar a dose de fumaça afora, sem me passar a bola, pousou a mão entre as pernas, a mão e os dedos de Verônica por ela mesma.

A moça da mordação pára, a respiração amena, os pés no chão sufocada...

– Que pintão, Cláudio! – era Verônica, Verônica me segurava o pau duro debaixo das calças.

Sorria, levantou-se alegre, soltou a coleira da parede.

A outra permaneceu deitada, presa pelo pescoço na argola do chão.

UMA TARDE NA DAM, UMA NOITE COM VERÔNICA

Não muito longe, adeptos de Krishna tocaram e cantaram todo o tempo em que permaneci ali. Atraído pela música, fui-me deixando ficar, ficava parado na Dam enquanto esperava.

Depois de fumar e beber, Verônica esperou que a moça adormecesse deitada no chão. Fazendo sinal para que saíssemos do quarto, abandonou-a presa, apagou a luz, fechou a porta.

Pedi que a procurasse de novo no dia seguinte para jantarmos juntos e que fosse pontual, assim tudo daria certo.

Quando fui buscá-la em sua casa às onze horas da noite, encontrei Verônica encantada. Vestia calças de couro preta, justas no corpo magrinho, calçava coturnos pretos. A camisa também era preta, como o sobretudo de couro.

– Vamos comer comida indiana? – perguntou assim que ganhamos a rua, presa no meu braço enquanto mordida o piercing.

Margeando a Damrak, há alguns dos restaurantes indianos de que Verônica tanto gostava. Pedimos pratos

combinados, a Índia inteira numa bandeja; para beber, suco de rosas. Verônica ainda brincou com a língua, sorrisos e caretas para a mesa detrás.

– Você está perdendo a maior. Não olhe agora, mas na mesa detrás estão sentados um muçulmano e suas esposas veladas. A filha menor tem os olhos lindos e está me namorando.

– Ela é bonita?

– Deve ser... Só dá para ver os olhos.

– É nova?

– Novíssima, não chega aos doze anos. É só uma menininha, Cláudio.

Só uma menininha... Verônica prosseguiu o jogo até o pai chamar, discretamente, a atenção da filha.

Comia como da primeira vez, quase não falava nada, só exclamava de prazer quando comia. Durante o chá, no meio do vapor da xícara:

– Quer falar sobre ontem?

Queria, mas não sabia como.

– Você gostou, não foi? – completou Verônica para ajudar.

– Gostei.

– Gostou muito, não é?

– Gostei muito, Verônica.

Outra vez na rua abraçada, sussurrou nos ouvidos, como ladra:

– Vamos tomar ecstasy.

Preso pela mão fomos para os lados da Singel, na esquina da Droogbak.

No caminho, Verônica sacou do bolso do casaco a garrafinha de prata com uísque oferecida, arregalava os olhos verdes toda feliz. Disse que conhecia o traficante bom, o homem das coisas boas, comprou longe de mim três cápsulas de gelatina, cheias de pozinho branco.

– Vamos tomar agora, demora um pouco para fazer efeito.

O Rasta Baby fica perto, sugeri que fumássemos lá.

– Não, vamos no Shebba – contestou – ele fica na Warmoesstraat, lá tem chocolate quente misturado com café expresso, creme, e White Widow deliciosa.

Chocolate com creme... Olhei para Verônica na fantasia de couro preto. No coffe-shop, fui comprar maconha enquanto ela pedia chocolate; voltei com o saquinho cheio de erva.

– Isso não é White Widow, que erva marrom é essa que você comprou?

– Comprei uma erva latino-americana, não quero ficar tão louco assim.

– Por quê? Já fez efeito?

– Um pouco.

– Então me dá o saquinho, eu enrolo.

Verônica fez o cigarro fino e comprido.

A brasa entre os dedos, exclamou olhando para mim, a xícara à altura dos lábios, estava chapada.

BDSM E A QUÍMICA

Ordenou que esperasse, mostrou no quarto da frente a poltrona em que se sentara quando me recebeu ali.

Reapareceu com duas xícaras e dois saquinhos de chá de maconha. Havia tirado o casaco, vinha descalça; as unhas dos pés pintadas de preto, as unhas das mãos pintadas de preto, anéis prateados nos dedos dos pés. Trazia a caixinha prateada por fora, White Widow por dentro.

– Depois desse fininho vou te mostrar uma coisa. Ele vai te ajudar a vir comigo para os fundos.

A brasa morreu, Verônica voltou a me pegar pela mão, como se eu fosse cego, e levou lá onde me esperava, quem eu bem conhecia, no lugar onde ninguém aparecia.

Encontrei a moça da noite anterior nua, deitada no chão de bruços, cordas pretas prendiam-lhe os pulsos amarrados às costas ao invés de algemas. Entre os nós, cordas passavam pela cintura, à altura do umbigo desciam entre as pernas para se prender nas mãos. O pescoço preso nas argolas do piso, os pés presos também, amarrados pelos tornozelos. Ainda tinha a mordaca e os olhos vendados.

Meus passos no chão de madeira na inquietude; Verônica apontou o sofá e puxou a banquetta para si, premeditada.

Dobrou as barras das calças, começou a fazer carinhos na amiga com os pés descalços. Pisava nos seios, apertava os mamilos entre os dedos, fazia carícias ao redor dos peitos.

Pisava nas costelas e nos ombros, pisou no ventre, ao redor do umbigo, abaixo do púbis nas coxas.

Pisou no rosto, nos lábios, no nariz como nos mamilos, entre os dedos, desalinhou os cabelos.

Resistir é inútil, a tampa do baú se abre, os gemidos aumentam de intensidade, os movimentos bruscos... Verônica e o chicote de couro preto; do cabo de madeira, em forma de pênis, pendiam as franjas de couro fino e trançado – levou o cabo membro aos lábios em sinal de silêncio, antes de recomeçar.

Fazia as franjas do chicote deslizarem sobre o corpo dela, a pele em contado arrepiaava inteira para que Verônica transformasse os carinhos em espancamento.

A chicotada firme, seu corpo contorceu-se de dor.

Verônica foi impiedosa.

Impecável, a moça ameaçava escapar, a torturadora previa como se mexia. Tudo a favor do sofrimento agora, a venda nos olhos e ela indefesa da dor e das surpresas, a mordada que guardava a dor dentro da boca muda.

O tempo do rito pleno, a noção do tempo se perdeu lá fora até que Verônica parasse, parasse e sorrisse para mim, sentado no sofá.

Veio até aqui, pousou as mãos nos ombros, no sobretudo, no resto das roupas dobradas sobre o baú enquanto me despia, o pau duro na mão de Verônica vai apontar a moça estirada no chão.

Sem me largar, desamarrou a corda que atravessava as pernas e me entregou a moça. Deitado a seu lado, tocada de leve com as mãos e o pinto duro, tentou se espantar.

Abracei-me a ela com força. O corpo tremia, deslizei a mão aberta em busca da cintura. Completamente úmida, deixou-se penetrar como se me esperasse.

Verônica de joelhos para observar de perto, o prendedor de mamilos nas pontas dos dedos. Algumas carícias nas pontas dos dedos, o acessório e os gritos abafados de dor e medo, a moça entre os cabelos, os seios e o meu pinto duro.

Lembro que a dona da casa saiu do quarto.

O corpo da moça amarrada, marcado de chicote.

Meti a noite toda antes de adormecer dentro dela.

SUCOS DE LARANJA

Verônica não se atrasou, chegou no Eurocorner na hora marcada, por volta do meio dia.

Bonita como sempre, as botas de couro cobertas pela saia longa de couro. Toda de preto, como de noite, chapamos de suco de laranja, pão com manteiga e geléia.

Ela parecia feliz, o suco da laranja subia pelos canudinhos.

- Seu hotel fica aqui perto?
- É o Alfa Hotel de Amsterdã.
- Com certeza é uma pocilga...
- Gosto dele. Combina com a cidade.
- Minha casa é muito melhor.

Quando terminaram os pães, pedi duas xícaras de café expresso.

– Oba!... Caféina! – parecia boba – Vamos chapar de café, Cláudio que fala alemão – bebeu fazendo as caretas de quem toma drogas pesadas – Sabe aquele coffee-shop rastafari que você sugeriu tempos atrás? Vamos até lá agora, ele é mais legal de dia – afirmou através da janela, contava os ônibus elétricos que passavam na rua.

No coffee-shop, chapada, surgiu do nada a boa nova:
– Você já leu Sade?

Verônica me fez lembrar da vida de professor.

– E então, professor de língua e literatura alemãs?

Parecia aluna, queria saber se eu sabia.

– Claro que já.

– Por que claro?

– Porque sim, claro que já li. Já li Sade, e Masoch eu li no original – Não acreditei quando comprei a briga.

– Que pena – disse transformada – Acontece que eu trouxe um presente – e me entregou o livro embrulhado no pedaço de papel celofane – É para você, uma tradução para o português que eu encontrei em uma barraca do Rastro, certa vez em Madrid.

Tratava-se de uma edição brasileira da editora Aquarius, a tradução de João M. P. de Albuquerque d' *Os 120 Dias de Sodoma*, a primeira que li por volta dos dezoito anos.

– Gostou?

Ainda desconcertado, falei a respeito da primeira leitura da novela.

– Procurava por alguma coisa ontem na minha biblioteca para te dar de presente. Achei o presente ideal, mas você já leu...

– Eu aceito...

– Nem imaginaria o contrário...

Não sei como aconteceu comigo, penso no sadomasoquismo todos os dias, desde criança. Veio talvez nos seriados de TV preto e branco, devia estar com três ou quatro anos quando as mocinhas de biquínis de oncinha eram amarradas nas árvores, as florestas africanas entre os macacos e os elefantes. Também aprendi com minha tia, mais velha que eu, brincava amarrada comigo como as mocinhas da televisão.

Fiz com todas as mulheres que amei, mas com dezoito anos ficava preocupado. Li Sade para tentar entender, minha única referência no mundo dos livros com dezoito anos foi Sade, minha natureza inevitável.

– Sade endurece o coração, Verônica. Eu gosto dele, só que essa história da natureza governar o mundo eu não gosto. Fica parecendo uma deusa que governa o mundo, eu acredito que as coisas são determinadas pelo homem em seu processo histórico, não pela natureza.

– Estou surpresa, meu Cláudio é um marxista! Já sei – adiantou – você também leu Marx no original...

Confirmava que sim, balancei a cabeça...

– Claro que Sade tem razão, Cláudio que fala alemão. Se a natureza me deu tais instintos, seria absurdo não seguir por eles, “está para nascer quem seja capaz de contrariá-la”.

Verônica voltava a falar como professora. Para piorar, insistia no ranço da discussão pela discussão, a ironia guardada da boca, continuava:

– De Sade eu gosto, Cláudio, de Masoch, não. Masoch tem um estilo frouxo, ele não tem a metade da truculência de Sade. Seu Séverin se morria por Wanda do mesmo modo que Wherter, por Carlota. Juliette é bem diferente, nenhuma personagem de Sade concordaria com a epígrafe de Masoch: “E Deus o puniu entregando-o nas mãos de uma mulher”. Sinceramente, Cláudio, prefiro ter a Natureza como divindade.

A mesa redonda no congresso de literatura perversa, quem era Verônica para me dar todas essas lições, a bibliografia e as notas de rodapé? E ainda concluía:

– Do mesmo livro de Judite, enquanto Masoch se deteve na maldição que caiu sobre Holofernes, Sade encontrou os 120 dias de orgias decretados por Nabucodonosor.

Calei-me diante dos olhos tristes, permaneci calado bastante tempo para não discutir.

Verônica ficaria muda, no meio do caminho mudava de assunto:

– Posso dormir no seu quarto hoje? Acontece que quero te levar a um lugar amanhã de manhã, bem cedinho. Se ficarmos marcando encontros tenho certeza de que vamos nos atrasar, mas se dormirmos juntos, garanto a pontualidade.

– Aonde vamos?

– É um lugar que fica no caminho do Jardim Zoológico. Você vai apreciar o passeio, eu garanto.

ALFA HOTEL

Eu e Verônica deitados na cama, o cobertor de lã e o teto. Ela de camiseta preta de mangas compridas nos pulsos, eu umedecia a seda para fechar o fumo.

– Que quarto mais feio, Cláudio, por que você está se punindo?

Era feio, com certeza quarto bem feio, mas tinha seu encanto.

Era um dos quartos do meio do prédio de poucos andares. Pequeno, retangular, mal cabiam nele a cama de casal e o criado mudo. A janela dava para a minúscula área de serviço, coberta pelo telhado de plástico velho e encardido, do teto pendia a lâmpada fraca.

– Parece uma tumba, Cláudio, e você, o morto deitado nela: mortão em seu tumbão.

– O quarto é legal, Verônica, deixe de ser implicante.

– Ele é ótimo, é a melhor suíte com o banheiro do lado de fora em que eu já me meti. Sei lá, Cláudio, você não me parece um avarento, não poderia ter escolhido um dos quartos de frente para a rua ao invés desse túmulo?

– É para eu ir me acostumando.

Verônica gargalhou como se eu fosse circo.

– Como você é tonto, Cláudio, está querendo me chocar?

E ria... Comecei a ficar puto com ela; percebeu o amuo e riu ainda mais.

– Que é isso, Cláudio, estou falando sério e você me vem com essa história de ir se acostumando com tumbas!

– Não quero gastar dinheiro com quartos, Verônica, gosto deste aqui. Gosto de ficar deitado nessa cama sozinho, olhando para o teto, pensando nas coisas.

– Quer que eu vá embora, senhor sozinho?

Claro que não, era bom que estivesse aqui. Não sei porque fiquei tão aborrecido; até agora, Verônica gostara de tudo que viera de mim, menos do quarto.

– Claro que não, Verônica, gosto de você.

– Gosta mesmo? De coração?

– Gosto.

– Então me promete, um dia, você vai mudar de quarto. Não para um quarto qualquer, meio morte, meio tumba, mas para o quarto da frente, que dê para ver, através da janela, as ruas de Amsterdã.

– Prometo, se essa bobagem é tão importante assim...

– Você está falando como se eu fosse sua esposa, isso eu não vou ser. No fundo, sei que você acredita, no futuro, um dia poderíamos até nos casar. Acho que vai mais longe, a ponto de acreditar, depois da lua de mel, ir morar junto numa tumba como essa, mas também não vou.

Por fim, com a boca em forma de beijo, ordenou:

– Agora vamos dormir; amanhã, compromisso cedo.

A SENHORA DAS AGULHAS

Quando Verônica se debruçou em meu rosto, estava pronta. Vestia calças jeans azul de barra dobrada para

mostrar os coturnos pretos, igual à polícia. Embrulhada no sobretudo de couro, Verônica parecia um relógio.

– Bom dia...

– Bom dia nada, senhor Cláudio, boa tarde. Deixei você dormir um pouco mais só por compaixão, agora vamos nos levantar.

Olhei através da janela e via tudo escuro.

– Verônica, que horas são? Ainda é noite lá fora.

– Acorda, amor... aposto que quando acabar o banho, o Sol vai nascer.

Quando saímos, o dia clareava. O dia nublado, o céu coberto de nuvens anunciava a cor cinzenta e brilhante.

– É uma hora fantástica para estar de pé. É tão bonito, parece que está anoitecendo.

Enquanto parávamos para as xícaras de café, Verônica mostrou o baseado gigantesco no bolso do casaco.

– Pensou que eu tivesse esquecido? Pois não me esqueci, enrolei essa bomba durante seu banho demorado – e enquanto dizia assim, me acariciou o rosto, verificava a barba bem feita – Vamos fumar pela rua, ninguém vai se importar.

Seguimos pelo Prins Hendrikkade na direção da Ooster Dok. Eu conhecia o caminho, mas com ela tornou-se diferente. Andávamos devagar, o tempo passava mais devagar, a luminosidade cinzenta da manhã dava àquela parte da cidade a mesma tonalidade. Não havia flores para colorir as janelas dos pequenos prédios, tudo permanecia em gradações de preto ou marrom. Fazia frio, a umidade

do ar indicava chuva a qualquer instante, em poucas tragadas ficamos chapados.

– Estou trincada, espero me lembrar do caminho certo...

Sabia o caminho sim, falava por falar, para parecer engraçada.

– Vamos visitar outra amiga minha, Cláudio. Acho que vocês vão se dar bem.

– Ela fala alemão?

Verônica sorriu.

– Não, só fala holandês. Mas não é por isso... É porque ela gosta desses papos sobre mortes, suicídios...

– E o que te leva a pensar que gosto dessas coisas?

– Não gosta?

– Gostava quando era criança.

– Mesmo assim vai ser bom, encare a visita como uma doce volta ao passado.

Algum tempo em silêncio, paramos em frente ao bloco de três andares de apartamentos, cinzentos e iguais. Por dentro o prédio ficava pior – não havia elevadores – a casa da amiga no último andar e pude ver toda sua feiúra. Depois de caminhar por corredores mal iluminados, a porta se abriu para que eu a visse surgir, cercada pelo brilho vindo das janelas.

A mocinha nova, com certeza não teria mais de vinte e cinco anos. A mocinha magra, muito magra, os ombros e os braços fininhos; magra até nos seios, os seios sob a camiseta cavada, números acima do tamanho. A calça

também era grande, apertava na cintura, caía como cortina nas pernas e se arrastava no chão. Quase escondidos, via os dedos dos pés, finos e magros.

Branca feito vela, a cabeça raspada, mal vestida naquelas roupas largas e cinzentas, descalça... A amiga de Verônica parecia refugiada de campos de concentração.

No apartamento quase não havia mobílias, na sala apenas o sofá velho e puído, algumas banquetas espalhadas, um aparelho de som portátil tocava Charlie Parker por volta das oito horas da manhã.

Entramos, alguns pingos de chuva caíram nos vidros da janela, a claridade sumia do céu.

A amiga se chamava Frida. Frida nos deixou a sós na sala para preparar três xícaras de chá.

Quando voltou, trouxe consigo a caixinha de metal. Colocou sobre as pernas em silêncio, como se rezasse, Frida se prepara para abrir a caixa.

Sentada na banquetta, vi quando se apoiou na ponta dos pés para elevá-la ao alcance dos olhos e das mãos. Ombros encolhidos, os braços colados às costelas, as mãos finas pendendo dos pulsos e Frida parece uma datilógrafa.

Surgiu com o apetrecho de madeira semelhante a um tridente, oco, com piteira na ponta do cabo e três bocas de cachimbo em cada lança do garfo. Os dedos magros de Frida, nas extremidades, dois tipos de erva, no meio, um bocado de haxixe. Acendia com delicadeza, tragava, passava a vez para tomar o gole de chá enquanto prendia a fumaça dentro de si.

Frida era linda.

Não para todos, só para alguns. Os pés magros e finos a deixavam desprotegida, olhos quase sempre baixos davam a impressão de que gostava de se ver andando descalça, como se pudesse imaginar tudo que se dava nos pés se dava no corpo todo.

O cachimbo garfo chega, vi Frida no meio da fumaça pousar a caixinha no chão, cruzar as pernas como se meditasse, feito faquir, e sorrir flertando comigo.

– Eu não acredito... Você sabe...

Mereci atenção; se continuasse na mesma levada, em poucos minutos estaria apaixonado por ela. Respirou fundo, empinado o nariz e os seios, voltou a olhar os pés.

– Há poucos instantes dizia - interrompeu Verônica - que vocês dois iam se dar bem.

Frida sorriu de novo.

– Verônica gosta de constranger as pessoas, não a leve a mal. Parece rigor, mas é misericórdia.

Verônica cobriu o rosto para esconder o descrédito.

– Não se importe com ela...

Verônica olhava para Frida, chapada.

– Vamos, Cláudio, diga alguma coisa antes que ela te conquiste.

– Deixe-nos em paz, Verônica; ele me entendeu, não foi?

Respondi que sim, queria contrariar Verônica, mas não entendi nada.

– Pare de olhar para baixo e conte a ele o que você fez com suas botinas.

Vi a face de Frida corar e sua boca dúvida abrir entre o anseio e a vergonha. Permaneceu virada para os pés, ainda cruzados por cima das coxas.

– Eu as vendi para comprar drogas.

– E então...

– Desde então tenho andado descalça.

Verônica se divertia em amolar a amiga, Frida se divertia junto, constrangida.

– Faz tempo isso?

– Faz, Verônica; por que você pergunta sempre a mesma coisa se sabe as respostas?

– Eu quero que Cláudio ouça suas histórias pela sua própria boca, para que ele saiba o quanto você é maluca.

Frida pousou os pés no chão, colocou as mãos nos joelhos.

– Uma vez eu estava sem nenhum dinheiro, morta de fome e louca para fumar ou mandar alguma coisa. Encontrei um traficante na rua e troquei as únicas botinas que tinha por uma pedra de cocaína e alguns trocados. Desde esse dia, nada tem faltado, por isso resolvi permanecer descalça para as coisas não mudarem nunca.

– Por quê?

– Porque acredito que a divindade que cuida das drogas não vai se esquecer de mim enquanto eu permanecer descalça. Trocar meus sapatos por cocaína foi como cumprir um ritual em seu louvor, que continuo a praticar até hoje.

Ouvi tudo em silêncio, prestei atenção em cada palavra.

– Você tem sorte, Frida, das pessoas gostarem de você
– concluiu Verônica.

Mansamente, ela se levantou e fez carinhos no rosto da amiga.

– Vou ao seu quarto pegar umas coisas, aquelas que você não venderia para comprar drogas.

Frida na caixinha de metal novamente e surgiram, dessa vez, o papelote e um canudinho. Esticou quatro carreiras na tampa prateada, mandou duas, ofereceu as outras.

Conferi a janela antes de mandar. Chovia lá fora, hesitei quando vi os presentes de Frida.

– Encare como um medicamento, Cláudio, que diferença faz a altura do Sol?

Quando Verônica voltou trazendo a sacola de lona, eu completava a segunda carreira.

– Também quero mandar, nada como ter Frida por perto – se aproximava dela, Verônica tirou o par de algemas da sacola para lhe prender os pulsos.

Frida, algemada, preparou a droga. Enquanto preparava, Verônica se ajoelhou e amarrou seus pés com a corrente fina, pôde dar várias voltas nos tornozelos magros.

Mandou ali mesmo, apoiada nas pernas da amiga.

Apanhou outra corrente, por entre as algemas suspendeu os braços de Frida.

– Frida é fria e calculista, Cláudio, não se deixe enganar com suas maluquices - disse Verônica, olhando para cima.

Afastou-se à procura de outra banqueta, subiu, pegou a corrente para prendê-la no gancho, parafusado no teto. Frida consentiu sem resistir, descansava os pulsos nas argolas, os braços suspensos no ar.

Frida permaneceu imóvel, manteve os olhos fechados, respirou devagar enquanto Verônica pedia cigarro, se livrava do sobretudo, começava a desfazer os laços dos coturnos para se descalçar também.

– Frida está fingindo toda essa passividade. Por dentro, está mais tumultuada que um furacão. Vamos, Frida, diga a verdade?

Frida deu sinais de vida, continuava de olhos fechados.

Verônica de pé, bem de perto, arranhou de leve o ventre descoberto e os braços suspensos. Frida, a previsão dos sustos e da dor, os olhos abertos e contorcer-se inteira, reagindo contra. Verônica prendeu seu rosto entre as mãos, beijou-lhe a boca apaixonadamente, mordida os lábios, ora prendia a língua nos dentes.

Saciada, foi de novo à sacola, voltou com o estilete de cabo cor de rosa. Frida em excitação, perder-se entre a amiga e a arma e Verônica ajoelhada de novo a seus pés, a lâmina prateada brilha e vai cortar sua roupa devagar.

– Espero que essa não seja a última, senão, além de descalça, vai ter de sair por aí com os peitos de fora.

Frida não respondeu.

Verônica tão bonita adorava e flagelava Frida. Perdido entre as duas, via as solas dos pés de Verônica, limpos e

suaves, a bunda em forma de coração e a blusa de malha preta, grudada nas costas e nos braços; em Frida, esperava quando os seios magros saltaram para fora dos rasgos, debaixo dos trapos surgia ainda mais magra, as costelas, os seios, toda magrinha e branca, quase azul.

– Ela tenta se controlar, mas não consegue, se trai a todo o momento – ensinava Verônica na exibição da amiga – Ela se diverte, a boca... ela fica segurando, mas o sorriso escapa nos cantos. Os pés, ela consegue disfarçar as mãos, mas não disfarça os pés.

O pau duro como um martelo, eu controlado também.

Verônica apanhou a sacola, puxou a banquetta, sentou-se atrás de Frida para abraçá-la ao redor da cintura, como nas motocicletas. Verônica acariciava o ventre, os seios, passeava as unhas pelo colo e os braços suspensos, nas axilas e no pescoço magro, mordida a nuca e os ombros.

Levantou as pernas, colocou os pés nas pernas dela, calcanhares nas coxas e no púbis.

Frida se despedaçava.

Havia na sacola outra caixa de metal. Entre os dedos de Verônica balançou feito maracá, fez ouvir que nela havia montes de coisas soltas a vibrar, intimidando Frida.

– Não, Verônica, isso não!

– Isso sim, Frida; se vai protestar, acho melhor amordaçar você.

Frida abriu os olhos, viu Verônica com a ball-gag nas mãos.

– Abra a boca, Frida.

– Não, Verônica, prometo ficar quieta...

Apertar-lhe o nariz e obrigá-la a abrir a boca para respirar.

Frida relutou, mas Verônica prendeu a mordança no último furo da correia de couro, o rosto deformado pela bola de madeira. Depois, beijar os lábios outra vez, abrir a caixa com cuidado para não espalhar as coisas pelo chão e surgir em suas mãos cinco agulhas, feito leque.

Afagou os braços e os seios de Frida mais vezes, enquanto roçava sua pele com uma das agulhas. Os olhos agora seguiam de perto os caminhos da agulha nas mãos de Verônica – os arranhões rosados – Verônica se deteve nos braços suspensos, entre as axilas e os cotovelos pontudos.

Frida ficou apavorada. Tentava pedir alguma coisa, só gemidos e a saliva descia pelos cantos da boca. A precisão do médico, Verônica vai perfurar a pele da primeira agulha, como se costurasse. Fez da segunda, da terceira... fez com que as cinco agulhas, em degraus de escada, ficassem espetadas no braço esquerdo. Com mais cinco agulhas, Frida fechou os olhos novamente.

Agulhas se multiplicam nas mãos de Verônica como nos milagres, uma após a outra saíam da caixinha de ferro para parar no corpo de Frida no colo, acima dos seios, três de cada lado... no ventre, ao redor do umbigo... abaixo das costelas, sempre em séries paralelas, enfileiradas.

Verônica subia na banquetta para continuar.

– Vamos Frida, eu sei que você pode – disse lá de cima, a suspender a corrente presa nas algemas para que Frida ficasse de pé.

Se levantou com cuidado, deixava a pele se acostumar esticada.

Verônica desacorrentou os tornozelos, revelou as pernas de Frida nuas, finas como os braços, os quadris, os joelhos magros e pontudos.

– Tome conta dela, Cláudio, eu volto logo – Dessa vez, voltou com um aparato estranho.

Frida me olhava quase sorrindo, como se pudesse; olhava como se pedisse me solte antes de Verônica voltar.

Verônica trouxe consigo um cavalete, desses usados para bloquear caminhos nas ruas. Trabalho tosco, feito sem talento, em um dos lados havia um par de algemas fixado com pregos.

– Foi ela mesma quem fez – comentou Verônica.

Verônica segurou a coxa de Frida e a obrigou a passar a perna sobre o cavalete, montada nele como nos cavalos. Agora nas pontas dos pés, os pulsos doíam mais.

Verônica se abaixou para segurar a perna de Frida, levantou o pé do chão, dobrou o joelho, prendeu o tornozelo na argola da algaema. Os gemidos de Frida se tornariam gritos mudos de dor, fez o mesmo com a outra perna.

A cabeça pendeu para trás, os braços perderam as forças; as pernas abertas e a quina do cavalete invadiu o corpo de Frida, sofreu outra série de agulhas nas coxas e nas panturrilhas.

Antes de terminar, Verônica, o chicote de couro e mais duas agulhas, livre da blusa preta, se pôs a mostrar os seios para Frida. Agrados nos mamilos através dos piercings, os seios da amiga, prendeu os mamilos de Frida entre os dedos das mãos.

O mamilo furado na agulha, Frida paralisada de dor à espera da simetria e os dois seios furados, o sangue parecia leite.

– Venha até aqui, Cláudio, quero que você veja as melhores costas de Frida.

Me encostei na parede e vi Verônica cheirar mais cocaína como se cheirasse uma rosa branca – Verônica em todo seu esplendor quando se drogava. As melhores costas de Frida, brancas e alucinantes como os lírios do campo; a bunda incrustada no cavalete feito jóia, as pernas dobradas, tudo nela tão branco e tão magro.

Lá fora, a chuva havia diminuído ao ritmo da garoa quase São Paulo; o céu mais escuro, como se a noite caísse e se preparasse. Acendi o baseado para sossegar o pé, me fixei na brasa que brilhava em meio à escuridão da sala. Como pano de fundo, divisava os pés sujos de Frida, cinzentos como o céu da cidade.

Verônica percebeu a distração entre a brasa e os pés, tomou o cigarro das mãos, lançou nas costas de Frida a primeira chicotada.

O estalo ecoa pela sala, sussurro de dor, as costas brancas raiadas de vermelho. As linhas finas cada vez mais próximas, Verônica cobria a amiga de vergões rubros e violetas, como pintura.

Acertava onde queria, nas costas, nas coxas, nas solas dos pés.

Quando se cansou, Frida quase desmaiada sobre o cavalete, acendeu o resto do baseado e me entregou o chicote:

– Faça o que quiser com ela, vou sair e volto mais tarde.

AS CATEDRAIS DE FRIDA

Deitada sobre meu ombro, Frida me abraçava feito criança.

O quarto pequeno e estreito, apenas o colchão debaixo da janela, dava para ver as luzes da rua fazendo sombras no teto através dos vidros fechados. Esfriara bastante, o cobertor de lã, a chuva havia passado deixando o ar úmido e fácil de respirar.

– Quando você descobriu? – perguntou Frida, voz calma e sonolenta.

– Um dia, durante a aula de literatura, senti uma tontura estranha. Vi as pernas cruzadas da aluna de literatura e não vi mais nada.

– É bom saber assim?

– ...

– E a menina, era bonita?

– Era.

– Tinha os pés bonitos?

– Não lembro, só lembro das pernas cruzadas.

– Depois da morte, Cláudio, há rios por onde escorre água, leite, mel e vinho... É o lugar mais bonito... vive em seus jardins de flores coloridas, neles os homens e os pássaros podem conversar. Em sua infinita misericórdia, irmã morte é sua amante fiel, a melhor amante... apaixonada por você desde esse dia.

Quando Verônica se foi, sentei-me no chão perto de Frida e do corpo machucado.

Deixei o chicote de lado e desatei a fivela da ball-gag, o fio grosso de saliva descia dos lábios enquanto abria os olhos, boquiaberta em mim, sem dizer nada.

Comecei nos mamilos, agulha por agulha com cuidado, abri as algemas e carreguei Frida em meus braços até seu quarto e sua cama.

Nua, machucada, os seios sangrando, o perfume acre entre os braços de Frida para abraçá-la com força, para que não fugisse de mim e depois beijar sua boca – a última boca – sorver a saliva e o gosto de rosa.

Envolvi seu corpo por trás, enfiei o pau duro na boceta úmida de Frida. Abracei tanto que tive medo de sufocá-la, de quebrar os ossos pontudos, acariciei as costas, os hematomas, as marcas de chicote... os furos de agulha na pele... os mamilos feridos furados leite, o rosto, a nuca e os pés sujos de Frida.

Gozava possuída, até se virar de lado e surgir sobre mim em minha boca, meu pescoço, meu pau duro como um vergalho...

Para dormir abraçada comigo e o barulho da chuva, que voltava.

OS BECOS SEM SAÍDA DE VERÔNICA

Verônica e o rolo compressor, quando à noite chegou para me buscar disse que havia mais um presente. Antes, deveria prometer não recusá-lo, disse que se preocupava comigo, que deveria fazer como mandava.

Quase não voltei, um pouco e eu gostava de Frida. “Ou ela, ou eu”, era Verônica minutos antes de sairmos de lá. Do lado de fora, imersos no frio e na garoa, agarrou-me pelos ombros com as duas mãos, me deu uma chave e um recibo:

– Paguei o que você devia no Alfa Hotel e tirei suas coisas daquele quarto medonho. Você não me deve nada, só a gentileza de aceitar ser meu hóspede – e como se entregasse a chave de Amsterdã, Verônica me deu a chave de sua casa – Agora vamos embora, estou morrendo de fome e o mínimo que você pode fazer é me convidar para jantar.

Abandonei Frida entre o romance e o sonho, protegida pelos cobertores. Mostrava alguma parte do corpo pontudo, a última que vi foi o detalhe da coxa e do quadril, cintilando na escuridão do quarto, a se desfazer.

– Você está apaixonado por ela?

Não respondi.

– Você está sonhando com as coisas que poderia fazer com ela. Com as drogas que você traz nos bolsos do casaco, Frida seria sua para sempre, mas gosto de deixar minhas histórias pela metade. Por que você não bateu nela depois que eu saí?

– Por que isso te interessa tanto, Verônica, você não fez o que quis?

– Como você é covarde... Debaixo dessa alma desolada e soturna que ostenta tanto, há um covarde que teima em não aproveitar as coisas pelas quais não moveu uma fibra do seu esqueleto mole. Frida gozou mais com minhas chicotadas que com os abraços falsos que vocês trocaram naquela cama suja, que ela não troca nunca. Você devia ter terminado o que eu comecei.

Pulou novamente em cima de mim, fuçou minhas roupas, como na comédia.

– O cheiro dela está espalhado por todo seu corpo. Você devia ter tomado banho depois de meter com Frida, não sabia que você gostava de mulheres como ela, que não tomam banho. Era o que me faltava, sentir o cheiro da boceta dela bem debaixo do seu nariz. Se você tivesse batido nela não ia sentir essa necessidade tosca de trazer o cheiro dela junto, para ficar se arrependendo e não foi.

– Já chega, Verônica, fiz o que tive vontade de fazer na hora.

– Nisso eu acredito, Frida fez com você o sexo convencional mais perverso de Amsterdã.

– Não foi convencional.

– Chupar boceta é convencional.

– Por que se incomoda com isso? Não vim com você, não te levo para jantar, como cavalheiro?

Verônica debochou de tudo em voz alta. Seguiu adiante em meu braço, escondia o rosto na lapela do casaco

de couro para abafar as risadas, fazendo escândalo, como se fosse tanto.

TECHNO POP

Durante o jantar permaneceu calada, cuidava só da comida.

Satisfeita e doce, disse que eu precisava tomar uma droga e ficar acordado a noite toda, seria seu par nas danças de hoje.

– Eu não danço, Verônica.

– Dança sim, todo mundo dança. Vamos logo embora, vamos encher seus bolsos mágicos de cocaína.

Ainda puto, teimava em lhe fazer companhia. Deilhe flores, jantares, conversas, torta de maçã... dava-lhe o braço enquanto buscávamos drogas... Como seria meter com Verônica? Maltratá-la, bater em suas costas com chicotes, ouvi-la gritar? Como ficaria Verônica amarrada, jogada no chão, pronta para ser penetrada por um caralho monstro, varada por dentro?

Alguém oferecia coleções de papelotes, ela se adiantou e um punhado deles - segurou minha nuca, parecia beijo – veio parar nos bolsos do casaco.

Nos arredores do Brouwersgracht, a luz por dentro das cabeças brilhava iluminando o caminho, paramos às portas de uma igreja que fora transformada.

Do lado de dentro, música eletrônica sincronizada com várias televisões em vídeo-clips, filmes pornográficos

e o perfume de haxixe. A mente drogada, fiquei parado no canto enquanto Verônica buscava bebidas.

– Comporte-se, Cláudio, quem trouxe você fui eu, não faça papel de louco.

O salão e seu ritmo, mesmo assim me sentia cansado. Não era sono, era, desde cedo, aquela freqüência. Frida voltava em afrescos nas paredes da igreja, entre as cenas de santos flagelados e duas meninas que se beijavam diante de mim.

Verônica voltou, o casaco de couro aberto e duas doses de uísque. Apenas o arreio de couro debaixo do casaco, cruzava seios e quadris entre as coxas e as botas de couro. Os mamilos e o umbigo brilhavam como a língua, entregou o copo e continuou dançando, equilibrada. Perdida na multidão, o espírito santo ao lado das doses de uísque, os anjos e os confessionários.

– Não adianta se fazer de enfadado, Cláudio, a nobreza te obriga a me acompanhar - sussurrou Verônica.

– Eu estou bem, Verônica, só não quero dançar.

– Prefere ficar observando, como professor?

– Prefiro.

– Os dervixes dançam, Santa Tereza dança... Sabe o que o Cristo está dizendo, acomodado em sua cruz? Está dizendo aquele ali, que está sofrendo, sou eu; mas este aqui, falando com você, também é - o corpo ao encontro do meu, segurou meu pinto com força e me beijou a boca.

Foi nosso primeiro beijo. Pelo céu da boca, sua mão me apertava a nuca, seus dedos entre meus cabelos.

Desabotoou a camisa, colocava os seios rentes ao coração, segurava os pêlos com força, para não cair. A fábula da cigarra e a formiga, eu e minha coleção de mulheres; as afinidades eletivas quando a faculdade de Letras parecia uma fábrica de mulheres e a vista do disco voador onde entrava só quem eu queria, iluminado mais que a luz do meio-dia, sem outra luz e guia senão a que no coração ardia.

– Vamos furar os mamilos, o umbigo, eu mesma coloco.

As mãos nos bolsos do casaco, as pastilhas de ecstasy mergulhadas no copo de uísque, não sou digno de que entreis em minha morada, mas basta uma só palavra sua para que Verônica cuidasse de mim, evitasse que me perdesse no meio da festa, tivesse o saquinho de plástico cheio de Super-Skunk e o monster-base aceso nas primeiras tragadas.

– Por que você está nos drogando tanto?

– Porque eu amo você, porque ninguém vai tirar você de mim.

As duas meninas de couro preto e vinil permaneciam no beijo, algumas traziam os corpos nus acima da cintura pintados de látex preto. Todas com piercings prateados nos lóbulos das orelhas, argolas nos narizes, nos seios entre os dedos das mãos espalhados.

Havia jaulas e gaiolas para as bailarinas, Verônica iluminava o coro da igreja, algumas se deixavam ficar presas e acorrentadas nas colunas. Entre elas havia a moça

amordaçada, tatuada inteira, presa do artefato estranho, nua, feito nos castigos medievais. Os pulsos e os tornozelos presos no castigo, metidos nos buracos redondos, imobilizada vai expor as costas e os pés.

– Vamos nos aproveitar dela, Cláudio!

Verônica a espelhar a dama presa no castigo, sua face a face e os lábios disse alguma coisa em seus ouvidos para livrá-la da mordada, beijar-lhe a boca, o beijo tão ardente como fora o meu.

Fez carinho nos cabelos dela, deu de fumar e beber. Abraçou as costas, alisou os seios e o ventre com ternura, mordida a nuca devagar, a moça de encontro às travas do tronco a agitar as mãos e os dedos dos pés.

Os cabelos da musa vermelhos, a língua furada no meio, longos até os quadris e presos numa trança fina, no alto da cabeça, no jardim de espinhos e de rosas negras ao redor de três pares de asas tatuadas nas costas, na nuca, nos tornozelos presos. Verônica através das carícias colocava cocaína na ponta dos dedos, da moça, da mordada no rosto de novo, dos dentes antes de beijar.

A mirá-la de frente, alucinada com drogas e Amsterdã SM, reacendia a bomba monstro, a namorada monstro com a sutileza e a brasa do cigarro a percorrer a pele clara da mocinha ruiva, presa no castigo.

O movimento e a pausa, as pausas cruéis, Verônica e sua retórica a se bater contra o aparato de madeira estranho na fábula da vespa e da leoa. O tema da desigualdade, sadomasoquismo e medo, em pouco tempo o descontrole,

as lágrimas nos olhos e a saliva pelos detalhes da boca, visgo e borracha.

Cansada de esperar, aos poucos foi-se desgastando, por fim parava; antes de parar, seu beijo tão amoroso na boca e na bola de borracha, que me fez sentir ciúmes.

– Seu pau está mais duro que um tijolo. O que acha de me colocar no lugar dela e fazer as mesmas coisas comigo?

Um tapa no baseado, longo, e me beijou logo, brincando com a fumaça, cuspiu fogo o beijo cor de laranja.

– Como é estar apaixonado por uma puta, Cláudio?

– ...

– Está sim, só que ainda não sabe. Desde aquele dia em que entrou na minha casa só tenho atendido mulheres para não te trair nem te magoar. Agora, que você vai morar comigo, acho bom começar a sentir ciúmes de mim, muitos ciúmes, até te enlouquecer de fidelidade. Antes de morrer, Cláudio, você tem o direito de realizar o último desejo, e eu vou realizar todos.

Os dentes brancos, tomou o rumo da chapelaria.

Outro beijo antes de guardar o casaco, descer o zíper das botas, pisar descalça no chão.

Seguir Verônica calada rumo à sacristia, seus passos um a um enquanto sujava os pés caminhando descalça pelo meio do anjo com rosto fino, os cabelos de mulher cacheados. Vestido de armadura cinza segura o escudo da força e a espada da misericórdia, pintado no reposteiro, antes das grades de ferro.

Lá dentro, havia uma cadeira-cama de médico e a coleção de piercings exposta na vitrine.

– Tira o casaco e a camisa, me deixa ver seu peito de macaco peludo.

Vê-la na ponta dos pés debruçada sobre a coleção de aço, três agulhas e as mãos de plástico cor de prata, como as jóias, as agulhas e as unhas prateadas dos dedos das mãos e dos pés.

Seus olhos cor de prata brilhavam, Verônica e o vento radioativo vindo do espaço afora.

OS LIVROS

Fui para a cama em posição de feto, o cobertor de lã virava ventre e eu oscilava. Pensava na boca cor-de-rosa roxa de Verônica, suas costas ao encontro do peito dolorido. Anoitecia, junto à garoa fina e gelada o cinza chumbo do céu perdia cor, ficava azul escuro, quase preto.

Cumpri a promessa, fui para a casa de Verônica. Dormiríamos juntos no mesmo quarto, o único quarto do andar de cima, ao mesmo tempo para dormir e sua biblioteca. Cômodo espaçoso, havia a cama de casal e a escrivaninha, o micro-computador e os papéis, lápis, canetas... As duas luminárias apagadas agora, mas o encanto do lugar estava nas paredes, cobertas por estantes repletas de livros.

Vinha de um sonho em que havia livros também, ora biblioteca, ora grande mesa e o banquete, como num navio. Me lembro de que chegara nele entre as pernas de

Verônica em seu corpo fixo, com se fosse pôster; Verônica vestida de aluna de Letras indicava a cabeça e o púbis.

Meu discurso tatuado em seu útero, segurava a taça para brindar à saúde de Verônica, à saúde de Frida, à saúde daquela outra mulher que eu não conhecia. Verônica, a taça borbulhante paira no ar, coloca os olhos tristes sobre cada um de nós; embriagada, recita os capítulos do livro, já que na literatura o nexos começa pelo sexo.

Vi Verônica passar a palavra a Frida, Frida dizia a flor... celebra a deusa de todas as plantas, ilumina de vez minha cabeça tonta, não peço às musas que me dêem idéias, peço a ti, por meio da tora, feita das folhas das que chamam ervas, germina no meu peito, Flora, a Flor.

A outra mulher permaneceu calada, escondia a face velada no fundo da taça, quando abri os olhos vi a biblioteca na penumbra do quarto.

ANFITRIÃ

Esperava a noite cair deitado na cama, fumava um cigarro, Verônica havia se levantado enquanto eu ainda dormia.

Só conhecia os quartos da frente e dos fundos, nunca fora convidado a subir, mesmo quando Verônica mencionava apenas de passagem. Se imaginava alguns sobre a cômoda, encontrei as prateleiras no lugar das paredes, muitos livros empilhados no chão e sobre a escrivaninha, bastantes. Havia pelo menos seis línguas,

entre elas alguns volumes em árabe, hebraico, a maioria em francês ou inglês. Homero, Dante, São João da Cruz, Goethe, Henry Miller, Jean Genet... todos apareciam lá, encadernados junto de Platão, Aristóteles, Kant, Descartes, Marx, Freud, Saussure... Sade, Masoch e Pauline Réage.

Fazia tempo que não abria livros, revê-los e felizmente os passos de Verônica nas escadas. Vinha da rua agasalhada, carregava o embrulho de coisas para comer e duas garrafas, a garrafa de vinho e a de suco de laranja.

– Trouxe o café da manhã - disse olhando o escuro através da janela.

Colocou os pacotes sobre a escrivaninha, foi se sentar na cadeira para descalçar as botas. Vinha sem meias, quando se levantou de novo para tirar o casaco, vi que saíra vestida na camisola preta e transparente e os presentes, sentada na cama, abria o suco de laranja para servir o copo quase derramando, cheio até a borda.

Verônica diferente, andava diferente, talvez fosse a biblioteca.

– Quer presunto espanhol, Cláudio que fala alemão?
– ... – Vamos acabar de comer. Não comprei só pão e laranja, tenho uma erva boa para fumarmos depois. Agora pode me dizer o que é mais bonito, se minha biblioteca, ou seu quarto de hotel.

Na penumbra da biblioteca pelas luminárias, vi Verônica andando descalça sobre o chão de madeira, ir até a escrivaninha, cruzar as pernas sentada na cadeira e

preparar o fumo como se lesse um livro. Já sobre a cama, o cigarro aceso nos lábios, abriu a garrafa azul escuro.

– Vamos brindar aos dias que vai passar aqui comigo – encheu a taça de uva e de beijos na boca.

– E agora, Verônica? O que vamos fazer?

– Vamos terminar esse cigarro e beber o vinho. Você gosta de música clássica?

A FENDA NO TEMPO

Após a mudança alguma rotina, pelo menos nos primeiros dias; o café da manhã no Eurocorner, o coffee-shop a esmo, os cuidados para não repetir. Eu e o que sobrou da noite passada, mesmo sem as drogas ainda via o mesmo céu cinzento de que tanto gosto em Amsterdã.

Depois da mudança, essa também era a hora em que ficava sem a companhia de Verônica. Antes de vir para cá, morei com três mulheres diferentes; uma depois da outra, deixava a última por causa da próxima até que tive de parar. Agora, acontecia tudo de novo.

Quando Verônica me prometeu fazer o que eu quisesse, contanto que lhe permitisse quatro horas por dia para se dedicar à sua biblioteca, aproveitei para desejar estar sozinho nas primeiras horas do dia. Fumava, perambulava pelas mesmas ruas, fumava outra vez. Distante dela para ver minhas coisas, terminava pensando nela de novo, fumava de novo, não sabia mais quem era Verônica.

O EGITO E O SUPER-SKUNK

Uma tarde ensolarada me fez andar e acabei parando no coffee-shop do Egípcio. Ele estava lá com nariz estranho, grandão, magro, bem moreno. O Egípcio era outro vagabundo, parecia comigo, vivia por ali fumando e perdendo tempo. Disse que se lembrava de mim, de que me via andando pela cidade.

– Eu te chamo Morto, quando te vejo por aí, sempre fantasiado de preto – disse com voz de amigo.

– Pois eu te chamo Egípcio.

– Já conversamos... acho que sim... – sorriu – se foi por aqui, é meio difícil lembrar...

– Só lembro disso...

– Eu devia estar chapado, devo ter falado enrolado e tudo o mais... e você só entendeu isso, que venho do Egito. Pois venho sim, e lá é bom, é fodido, mas é bom. Aqui é a mesma coisa, é bom, mas tem muita coisa fodida.

Parava de falar, fumava através da janela, os dedos das mãos longos e finos seguravam a bomba com elegância.

– Você tem cara de quem anda pelos lados da Warmoesstraat. Lá é legal, mas tem bichas demais, prefiro um lugar menos gay. Você me entende, te vi com uma mulher parecida contigo, uma mulher e tanto...

– Você a conhece?

– Não. E nem quero, já tenho meus problemas – disse sorrindo novamente.

– Quer saber seu nome?

- Só se for o nome de mentira. O que ela te disse?
- Verônica.
- Vamos fumar, meu amigo, e que Jah nos proteja dessas mulheres!

AS PIRÂMIDES DO EGITO

- E a sua, como se chama?
- Como assim? Minha mulher?
- A sua mulher.
- Eu tenho uma mulher, como você tem. Conheci minha Verônica no Cairo, antes de vir para cá. Ela guiava turistas a comprar bugigangas; vadiando por lá, eu a vi. Fazia o calor imenso, ela transpirava, molhava todo o vestido debaixo do Sol.

AS ERVAS E OS CHÁS

- Vou fazer chá e volto logo - disse Verônica, desligava o computador antes de me olhar, deitado na cama.
- Na primeira noite em que dormi na casa, despertei no meio da noite entre o silêncio da cidade e a respiração de Verônica. Procurei o baseado no escuro do quarto, acendi para chamar o sono de volta. Sentado e esquecido, Verônica perto de mim, me aproximei com cuidado para abraçá-la por trás.

A mão separa os travesseiros e a nuca, o colo macio, o rosto sobre meu braço e vê-la de perfil, traço de cabelos

finos e pretos, os olhos verdes vão permanecer fechados. Mais nova que eu, a idade da Terra na pele de Verônica, o papel de arroz e a bruma. Sem a tristeza milenar dos olhos verdes pareceria frágil mesmo antes das declarações de amor, enquanto acariciava suas costas e aspirava o perfume doce da maconha em seus cabelos pretos.

O mundo muda de tamanho, eu procuro por Verônica alucinando na ponta que havia fumado, a brasa na ponta que havia fumado acesa na cabeça, nos jardins suspensos e na Babilônia.

MANDARIN ORANGE SPICE

Verônica sob a luminária acesa, o que escreveria Verônica nas horas em que passava ali sozinha?

Quando me falou da biblioteca no andar de cima, não imaginei o quanto seria bom ouvir seus passos na escada, ela descalça nos degraus de madeira, a equilibrar as coisas que trazia.

O meu pinto duro vai roçar sua boceta úmida, nos pêlos do púbis como arame farpado, o perfume doce a invadir o quarto tão denso que parece fumaça de maconha.

A pele lisa fica arrepiada, a nuca, a boca, as coxas lisas e arrepiadas como espinho. Segurei seus pulsos como se fosse corda, os mamilos duros como duas romãs, Verônica e os tornozelos juntos entre as minhas coxas e as solas dos pés lisas feito folha.

Comi seu cu, sua boceta, masturbei Verônica o tempo todo. Adormeci e o pau pulso ainda pulsava duro dentro dela muda.

MANDARIN ORANGE SPICE

Pela porta aberta eu vi Verônica entrar com duas xícaras de chá, o perfume de laranja chegou antes dela chegar. Na boca vinha a felicidade e a bomba na noite cor de laranja, chá de laranja, Orange-Bud e Verônica meio cor de laranja.

Só se os olhos verdes desviam o moreno da pele no avermelhado do bronze, o ferro e a oxidação do ferro na iluminação fraca, quase luz de vela, minha dama de ferro olhava para mim incandescente.

– Você gosta de mim?

Não respondi. Ela ainda me olhava no meio do vapor, a xícara ao encontro dos lábios.

– Acende o fumo e vamos combinar uma coisa. Eu sou sua, faça o que quiser comigo. Pode usar minha sala lá da frente da vitrine, aquele quarto dos fundos, e há o porão segredo, muito especial, a chave permanece guardada no baú do quarto dos fundos. Vou confiar no seu bom senso para passar dos limites. Só te peço uma coisa, quero quatro horas por dia, que você pode escolher quando, para me dedicar só às minhas coisas. Nessas horas, não quero te ver por perto.

VERÔNICA E A TEIA DE ARANHA

Quando me dei conta, Verônica metia por cima de mim.

Depois os braços tombaram, caiu por cima de mim, segurou meu pescoço com força para me beijar. O pau lá na boceta vibra, meu dedo no cu de Verônica e a outra mão segura nos cabelos dela, o branco dos dentes e dos olhos brilha.

Falou o tempo todo enquanto fodia, a miscelânea infinda, disse que queria ser fodida, ainda tinha tempo de ser maltratada. Xingou, invocou todos os demônios que ainda tinha, me fez prometer que ficava.

CAFÉ E SUPER-SKUNK

– Sabe, amigo Morto, de vez em quando a gente precisa ir atrás dessas mulheres. Mas também pode ser bom vir até aqui... tomar café... fumar...

Minhas ex-mulheres e o conceito do ponto de vista, tudo depende do ponto de vista. Depois de nove anos sou lésbica e nunca gostei mesmo de ser amarrada, isso é machismo seu, sua misoginia; vivi cinco anos com um cara que nunca me comeu, pode me bater com força é só não me comer também; pode fazer o que quiser comigo, passou por cima de mim feito um trator. Sua melhor foto ainda é aquela em frente ao Museu da Revolução em Cuba, do lado do tanque de guerra verde.

Certa tarde, na casa de Anne Frank, eu e Verônica resolvemos parar para uma visita. Após o passeio, a fome, debruçados nas grades do Prinsengracht havia onde comprar sanduíches e olhar o canal. Verônica falava de boca cheia, apontou o triângulo cor de rosa sobre as águas e mostrou o monumento dos homossexuais perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial.

Falei coisas a propósito das minorias, dos sadomasoquistas... Ela me ouvia calada, quase não mastigava, atenta, seu dedo indicador me fez parar nos lábios. Em meus ouvidos, como nos segredos, baixo, afirmava nunca teremos um monumento destes, ninguém nunca iria perseguir a gente, o uniforme negro, a fantasia negra, a crueldade intensa.

Descobri uma antiga amiga de Verônica e fui a seu encontro naquele final de tarde. Seu nome é Serena; Serena masoquista nas sessões de teatro dos clubes fechados.

Fui a seu encontro quando a noite cai, quando nos falamos por telefone pediu que a esperasse na hora da saída. Cheguei mais cedo, o teatro era casa comum, número na esquina, dei com a porta de madeira fechada. Depois de bater, um cara grandão me recebeu do lado de fora.

Branco, careca, forte, anabolizado, gentil; a figura do soldado e o gigante gentil. Falei de Serena, a hora no relógio de pulso:

- Acontece que ela ainda nem começou.
- ... – ... será que eu posso entrar?

Fechou a porta atrás de si, apontou o coffee-shop em frente, convidei para fumarmos um e o gigante encostou no balcão, pronto para conversar.

– Se você conhece a Serena e ela te deu nosso endereço, por mim tudo bem. Tem de comprar ingresso.

– Como ela é?

– Ela quem?

– Só falamos por telefone, não conheço Serena de verdade ainda.

– Serena é a mais bonita... todos olham, você vai ver... é a de cabelo vermelho, você vai olhar também.

A DANÇA DO SOL

Quando Serena foi levada ao palco e todos olharam para ela, o canhão de luz iluminou os seus cabelos ruivos e a acompanhou durante todo o espetáculo.

Foi trazida algemada, amordaçada, de olhos vendados; vestia uma roupa qualquer, nada de couro, borracha, vinil. Blusa azul escuro, justa e decotada, saia cinza, na altura dos joelhos, descalça e as unhas pintadas da mesma cor da blusa.

O meu pau duro na hora bateu com força na parede da calça. Vinha carregada à força, como nos raptos, ela mais duas figuras. Se debatia, distribuía chutes no ar, tentava gritar e se libertar; Serena é prima-dona saudada por brilhos flashes de máquinas fotográficas.

O cabelo vermelho, os pêlos do corpo vermelhos quando tiraram as roupas. Os olhos escuros, que só vi depois, íris e pupilas tão juntas e previa Serena fumada, o branco do olho vermelho, o meio dos olhos negros.

Suspenderam seu corpo pelas mãos amarradas nos pulsos, a dominadora entrou de máscara de couro preto, zíper na boca fechada. Amarrou seus tornozelos juntos, suspendeu a blusa devagar.

O corpo estica a empinar os seios duros, a pele do ventre tensa a constranger o ventre, as costelas pareciam escadas sobre o umbigo.

O corpo não era mais seu. Serena ficaria nua sem a saia, ficaria em cena o púbis e os pêlos vermelhos de Serena para ser chicoteada nua, gritaria muda e amordaçada pela cena adentro.

Não disse nada quando lhe soltaram a boca e os tornozelos.

Listrada de vermelho e roxo, um de cada lado a segurar com força o tornozelo esquerdo, o pé descalço esquerdo para ser exposto.

O pé suspenso exposto, o vergalho grosso para cinco gritos sobre o pé descalço.

FRUTA VERMELHA

Esperei por ela no coffee-shop. Serena vestia a mesma saia cinzenta, malha e casaco azuis, as meias de lã listradas e coloridas. Calçava sapatos de boneca pretos, mancava da perna esquerda quando se sentou de lado.

Virada para mim, olhava para o nada, não se incomodava se estava ali ou em outro lugar.

– Você me viu? Bem... – continuou sorrindo – Se você mora com Verônica, vê aquilo todos os dias. Gostou de mim? - ... – Por que não gostaria? Essa cidade é chata, como todos os lugares do mundo. Às vezes me pego rezando para acontecer alguma coisa que soe diferente desse barulho chato de bonde. Tenho vontade de ir para Tóquio só para andar de trem bala e ficar livre desses bondes medonhos. Eu vim de Berlim, outra cidade chata.

Serena seria divertida, ri enquanto reclama, duvidava de tudo que dizia. O tédio seria fingido, se o sentisse como dizia sentir não encontraria nele tanta graça e riso.

– Tirando poder ficar bêbada e chapada à vontade, acho a Holanda um lugar feio, cheio de gente estranha. Você acabou de ver um monte delas, morrendo em punhetas só de ver uma mulher espancada por outras. Já pensou ser puta daqueles caras?

– ...?

– Que foi? Achou que eu recebia deles? Faço isso para manter a mente quieta, o coração tranquilo, nunca fodi por dinheiro. Você fica bonito quando pára, olhando assim, meio abobalhado; se eu não estivesse tão cansada e moída, ia querer transar com você. Se importa de só ficar conversando bobagens e vendo televisão?

Os desenhos animados do menino verde, do invasor do espaço, seu robô fantasiado de cachorro. Sem volume, os bonecos cantavam as músicas do rádio e do CD player,

Serena imersa em banalidades a encarar a TV como se vigiasse o mundo.

– Deve ser legal fazer esses desenhos com essas figuras escrotas. Eu ia me desenhar toda gostosa, de olhos redondos e vestida só com meus cabelos. Meus inimigos iam ser um bando de moleques punheteiros tentando me amarrar. Um bando não, uma dupla: um gordo e um magro, um alto e um baixo, um negro e um branco, sei lá... Só sei que ia fazer tudo se passar numa cidade escrota, caindo aos pedaços, com os prédios escorados para não cair... Às vezes um ia cair só para fazer desastres no desenho... A cidade ia ser cheia de gente feia, os caras ou iam ser malhados demais ou gorduchos demais, todo mundo escroto, menos eu, eu ia ser a única gostosa.

Então parava de falar para alongar o corpo na banquetta, quando passava as mãos pelas costas fazia caretas de dor e sorria. Deu mais uns tapas no fumo, outros goles no copo, tudo sem tirar os olhos da televisão.

– Mas deve chatear também, ficar escravo desses bonecos... Aquela de hoje foi boa, me pegou direitinho... – enfiou a língua no copo e nas últimas gotas de uísque – Vou embora logo, quero dormir ouvindo música fácil... A gente pode se ver outro dia, mais cedo, aí damos uns beijos... Não gosto de beijar com a boca doendo...

Ficou alguns minutos brincando com o baseado na ponta dos dedos e se despediu. Um beijo no rosto e deixou o pedaço de papel com o endereço.

O OBJETO DE VALOR

Verônica chupava meu pau.

Fui buscá-la lá embaixo pelos cabelos, para colocá-la a meu lado e foder. Se deitou de bruços, eu subi por cima, a boca mergulhada na nuca e nos cabelos, o pau enterra fundo na boceta. Seu pescoço sua nuca, as raízes pretas, o cabelo crescia sem parar.

Ao redor da cama e entre os livros, sobrava o par de algemas, chicotes, pedaços de corda. Naquela noite me encontrei com ela, a rola dura dentro, suas mãos por trás para amarrar Verônica e apertar os nós. Voltar aos pés para buscá-los perto, prender os tornozelos com o braço e amarrar também.

Amarrada de verdade, Verônica sobre si mesma. Eu alucinava junto, fodemos por horas a fio, se você quer mesmo saber porque que ela ficou comigo, amarrada em meus braços e no dia seguinte.

SERENA

Seguindo reto pelo Brouwersgracht até o Keizersgracht à esquerda, depois de boa caminhada, encontrei a casa de Serena. Prédio pequeno, quatro andares, coberto de ladrilhos amarelos e flores nas janelas.

Fazia frio, Serena vestia malha de lã grossa, cor de cinza, mini-saia de pregas e as meias calças listradas, coloridas, os dedos dos pés como nas luvas.

– Legal você aparecer – disse sentada à mesa da cozinha quando colocava a água quente nas xícaras – Adoro fazer chá com água fervendo, saindo bolinhas e com muita fumaça. Tem uns otários que dizem que isso agride a água e as ervas, por isso eu ferveo de propósito.

Os cabelos presos no rabo de cavalo bambo e mal feito, ela brincava com os saquinhos nas mãos.

– Vamos fazer chá de maconha, mas vamos enrolar um também que esse chá não dá barato nenhum, tem só o gostinho bom de mato – e sem o menor capricho, Serena apresentou a bomba pastel, em vias de se desmanchar.

Dava os primeiros tapas, montes de caretas a revirar os olhos no oceano. Prendia a fumaça nas bochechas e soprava no ar, parecia o vento, falava uma tontice atrás da outra.

– Além de se chamar Cláudio e ser amigo de Verônica, o que mais você está fazendo aqui? Não só aqui na minha casa... Você é o primeiro amigo dela de quem gostei, pelo menos até agora... Senti tesão por você naquele dia, lá na saída do teatro. Não foi bem tesão... Achei sua boca bonita, as mãos... Naquele dia eu tinha me fodido demais, mesmo assim pensei em sexo quando te vi. Fiquei pensando o que você poderia querer comigo... Acho que daqui a pouco vou querer te dar uns beijos bem molhados, mas enquanto a loucura abaixa, que tal ajudar a regar minhas plantas?

O convite pretexto a nos levar para a sala, com o regador de lata nas mãos fez tudo sozinha. Apoiava no parapeito da janela, na ponta dos pés, a saia sobe e mostra

a bunda listrada enquanto Serena respinga água lá fora e vai dizendo às flores “eu sou a chuva, vim molhar vocês”. Como era boba!... Trocou idéias com as plantas todas, terminou calada, olhava para a rua sem movimento. Calou-se de repente, como se desligada; em silêncio parecia menos tonta, desconfiava da bobeira dela.

Mordia a manga da blusa, virou-se para mim alegre:

– Essa falta de barulho não te incomoda não? Ouça...

Nada, nem o vento se manifesta. Pensei em comprar uns bichos, mas desisti, tenho medo de não dar comida direito e acabar matando os coitados de fome. Não gosto de que dependam de mim; com as plantas é diferente, se esquecer de regar, a chuva rega – voltou-se para fora – Você também não ajuda muito, é mais quieto que a Holanda...

Disse que se sentasse, que conversaria, se deixasse. Obedeceu, cruzou as pernas, ficou mexendo os dedos dentro das meias. Trocou a manga pelo indicador, fumava o dedo como cigarro, queria que acendesse mais um.

Antes de se levantar de novo, tirei o saquinho das ervas do bolso e comecei a enrolar o cigarro.

– Um dia, Serena, eu vi, por acaso, seu número de telefone nas coisas da Verônica e fiquei curioso para saber quem era você. Havia apenas o número, não sabia se era de mulher ou de homem. Quando sua voz atendeu, resolvi.

– E se eu fosse homem?

– ...

– E se eu fosse mulher com voz de homem?

– ... – resolvi entrar na dela – mulher tem de ter voz fininha.

– E se eu fosse um travesti?

– Mas não é, eu já vi sua boceta ruiva, vermelha igual as sobrancelhas.

– Foi bom?

– ...?

– A boceta ruiva!

– Foi bom ver você chicoteada.

– Sou boa nisso, pena que sua amiga não deu o devido valor aos talentos meus.

– ...?

– Quem mais? Afinal, você só veio aqui por causa dela.

– No começo foi, hoje eu vim só por sua causa.

Serena pareceu contente, mas continuou:

– Verônica não é minha amiga. Nós nos conhecemos por aí, nessa cidade chata. Ela ainda é bonita?

– Eu acho...

– E filha da puta, continua sendo?

– ...

– Puta, filha da puta, tanto faz. Nada é o suficiente para agradar Verônica.

– Acho Verônica mais triste que mal intencionada.

Permaneceu quieta, esperou que concordasse consigo, mas não concordava. Pediu cigarro, fumou sem dizer nada, quando me olhou de novo sorria de novo.

– Pense assim, Serena, foi por causa dela que te conheci.

– Duvido... Essa cidade é pequena...

Veio com o beijo na boca demorado e calma, sua língua doce, cruzou as mãos dentro da camisa preta

– Foi Verônica que colocou isso aqui, não foi?

Continuei beijando Serena nos mamilos furos e esquecer Verônica.

– Nós vamos meter, calma, sou sua lufada de ar, de vento fresco, mas antes quero conversar.

Coloquei as mãos nos seios de Serena e esperei.

Esperei de perto, esperei os peitos, deitada sobre mim como se eu fosse dela e quer que lhe agrade o ventre, os seios, os cabelos.

– Ela nunca fez isso comigo... Nunca foi carinhosa e mexeu em mim assim... Só foi educada. Verônica confunde tudo, é confusa, é a própria confusão. Uma vez, eu lhe disse que gostava muito dela; sabe o que me respondeu? Nada... Ficou quieta, quando pensei que fosse dizer alguma coisa falou que também gostava, me acompanhou até aqui, sumiu... Sabe o que fazíamos juntas? A mesma coisa que você me viu fazer, só que bem melhor...

O passado doce, sua língua doce, continuei acariciando os cabelos, sua cabeça entre as minhas pernas. Saia de pregas para ver o umbigo, as costelas e os seios, Serena e os joelhos juntos vão prender meu pulso com as suas coxas.

Abaixa a meia-calça, as listras... o mar vermelho afoga. Contava tudo enquanto metia, me beijava a boca no meio dos capítulos.

ALGUMAS BOLAS NA CABEÇA

– Cláudio! – disse Verônica surpresa, meu pinto nas mãos, depois de chupar meu pau durante horas – você tem uma bola só?

Logo nos primeiros dias os encontros com Serena se tornaram tão regulares quanto as visitas ao bar do Egípcio, não demorou muito Serena tomava o lugar do amigo.

Pedi para nunca avisar quando viesse, nunca deixei de encontrá-la em casa. Metia, falava sem parar, contava da vida passada com Verônica, queria que contasse também.

Noites atrás, voltando da casa de Serena, vendei os olhos de Verônica e a levei para o quarto dos fundos. Dentro do baú havia metros de cordas, sem roupas e de joelhos, ela parecia um brinquedo.

Amarrei os braços para trás do corpo, os pulsos, transei as cordas entre os seios, o pescoço e o ventre. Abra bem as pernas para a corda atravessar seu cu, sua boceta, o nó das cordas que perpassa tudo para se cruzar no púbis. Para te deitar de bruços e te prender as coxas, as canelas, os tornozelos, terminar os nós juntando os pés nos pulsos. Verônica não precisava mais de mim agora. Delirava em si mesma, deixei que ficasse encolhida no centro do quarto, imobilizada.

Acendi o fumo e fiquei vendo Verônica feita obra de arte. As coxas arrepiadas da moça, tanta violência e tanta ternura, a aspereza da pele quando ficava assim.

As pernas parecidas, o desmaio na aula de literatura alemã. A menina das pernas e da classe se chamava Rafaela,

sentava sempre nas carteiras da frente com as pernas cruzadas. Vi as pernas e não vi mais nada.

– Eu nasci com duas bolas, Verônica, uma dentro do saco, outra fora, presa logo abaixo do púbis. A do saco ficou no lugar, mas a outra foi subindo, subindo... até chegar na cabeça. Foi lá que ela virou a bola que eu tenho na cabeça.

Permaneceu voltada para mim, segurava o pinto murcho com as mãos.

– Isso é sério?

– É; eu tenho um tumor no cérebro do tamanho de uma bola do saco, mesmo operado me deixa entre a morte e a demência.

URÂNIO RADIOATIVO

Disse a ela que parasse de chorar. Mesmo assim, adormeceu em meu peito depois de soluçar bastante.

Acendi a ponta que havia sobrado no cinzeiro e me perdi no meio da fumaça. Nunca pensei na reação de Verônica diante do câncer, também não esperava pelo que aconteceu. Recebia a notícia como se fosse sua, tentava ser a mesma, não era mais. Alguma coisa se quebrou por dentro, aquela noite foi a nossa noite de despedida.

Agora que se acalmara, minha mão a segurava inteira, seu corpo vira ao encontro do meu para se guardar. Dentro de mim, os quadris e a ereção me leva vivo antes de adormecer.

DEPOIS DE GÊMEOS, ANTES DE LEÃO

Quando acordei no hospital, abri os olhos a procura das pernas cruzadas. Daí a um mês, desembarquei em Amsterdã para me hospedar no Alfa Hotel, olhava para o teto, esperava a hora de sair na rua e encher os bolsos e a cabeça com todas as drogas da cidade.

Fui embora, tentaria a terapia nova, posso provar que a maconha é a cura do câncer. Viajar foi morrer no dia da partida, senti alívio quando cheguei aqui.

O FOGO DENTRO DO CARVÃO

–O que você deseja como seu último pedido? – indagou Verônica, olhava para mim: bom dia! Voltou a se encolher comigo, acariciou-me as pernas com as solas dos pés, devolvia a nuca e os cabelos.

– Quero comprar cogumelos secos e passar a tarde no Vondelpark com você.

Entre as ruas da Centraal Station há o coffee-shop dos cogumelos, havia pelo menos quatro chapéus inteiros dentro do saquinho mais alguns farelos. Verônica tinha os perfumes do banho nos cabelos molhados, sem que eu pedisse, mostrava os seios e as pernas no vestido preto, justo no corpo.

Céu cor de cinza e a Damrak voltava a brilhar complexa, Verônica marcava o tempo nos passos das botas de saltos baixos, sem bolsa ou casaco me segurava o braço.

O silêncio e a fruição da cidade no caminho de sempre, seu perfil suave... quando me percebia fingia que não notava, seguia quieta, diferente da Verônica que conhecia. Nenhum gemido e nenhuma cantiga, só a boca fechada e o que vinha pensando.

A Rokin deságua na Muntplein e de lá tomamos a Vijzelstraat, em direção ao Rijksmuseum. No meio do caminho, tivemos de parar. Procurava atalhos, as pessoas e as bicicletas, o banco de madeira parado na calçada assim que a cidade começou a ficar fora de foco, antes de chegar no parque.

As casas a tremer como nos terremotos, cada um a seu modo com sorriso espúrio, assistir a Amsterdã flutuar no espaço diante de nós. Quando a casa de Serena passou, me escondi; quando foi a vez do coffee-shop do Egípcio, acenei.

– Você acha que vamos ficar aqui para sempre? – arriscou Verônica, no meio da palavra.

Não ficamos, daqui a pouco vamos naquele bar beber duas xícaras de chocolate quente, se o que vem da vaca é sagrado.

Nas mesas do lado de fora, escondidas na esquina da outra rua, Verônica cruzou as pernas e me enquadrrou de novo, os lábios no leite, eu e seus joelhos.

– Qual parte do meu corpo você gosta mais?

Respondi sem pensar que gostava mais da sua nuca.

– Isso é mentira, Cláudio. Logo agora que pensava em deixar o cabelo crescer, você me vem com essa...

Ao longo do túnel que atravessa o Rijksmuseum, Verônica levantou a saia, mostrou as coxas, disse ter uma bomba para fumarmos no parque.

As árvores escondiam os prédios baixos da cidade, deixei-a debaixo da árvore. Espera sentada pela queda da maçã sob a grama, fui buscar café por ali nos quiosques.

Quando voltei, Verônica brincava descuidada com o cachorro branco.

– Não é cachorro, Cláudio, é cadela.

– Como é que você sabe? – perguntei ainda de pé, segurava um copo em cada mão.

– Cachorro tem pinto e cadela tem tetinhas na barriga. A pitbull branca, nariz, gengivas e a língua rosas.

Verônica brincava com ela – a cadela lebre – aperta as bochechas, agrados na cintura, cutuca os dentes com a ponta dos dedos. Vestida de coleira de couro preto, a cadela nem me percebeu.

O território para duas damas, por fim quieta, descansava a cara entre os joelhos sobre a saia rede.

– Ela ainda não tem nome. Vamos fazer uma coisa? Você a pega pelas patas da frente, joga lá naquele lago e eu batizo.

– Claro, Verônica, por que não pensei nisso antes?

– Porque você não tem imaginação...

O animal levantou a cabeça, ouviu alguma coisa no ar, foi embora sem olhar para trás. Verônica, a mão entre as pernas na bomba de fumo, não sei se fico louco quando chupo sua boceta, ou se fico com tesão, quando fumo o baseado.

Não acendeu ainda, com ele nos lábios antes de acender, os olhos parados na trilha cinzenta que levava à grama. Distraída, no banco de madeira branco, adolescente gótica enfeitada de preto e de jóias prateadas. Envolvida com a moça na fumaça névoa, o cigarro passa da metade antes de dividir comigo.

Verônica descruzou as pernas e se livrou das botas lentamente. A outra metade minha enquanto via o couro preto deslizar nas pernas, mostrar os pés para pisar descalça na grama do jardim. As mãos nos tornozelos presas, tocava nas pernas e os dedos dos pés teclas de piano.

O céu também é prata, a música acaba, Verônica de pé vai levar as botas e a moça do banco. Passava pela grama com delicadeza, o tapete mágico, só o tato e o mundo pelas solas dos pés.

O verde acaba, as pernas surgem fortes sobre o cinza do asfalto e da pedra.

Parou em frente à moça, foi cinema mudo; talvez sumissem.

Verônica fez de tudo um pouco... Vai gesticular os pulsos, dar de ombro às vezes, apóia os calcanhares na beirada do banco, na terra, no ar para a mocinha quieta.

A conversa se demora muito, com desenvoltura lhe acenou que sim. O beijo de leve nos lábios, Verônica deixou para ela as botas e o banco.

O vestido subiu quando sentou de novo – com o cair da tarde abraçava os ombros a fugir do vento, que já fica frio.

Ofereci a ela a malha de linha preta, sobre seu corpo a malha caiu comprida demais; as mangas cobriam as mãos, a cintura desceu tanto que passou da saia.

Parecia só de malha quando ficou de pé, somente ela, as pernas e descalça.

Nos limites do parque ia adiante na grama, cuidadosa no asfalto pontudo. Os braços cruzados, parecia que ia sozinha, vadiou bastante antes de encontrar as saídas.

Enfim as portas e Verônica teve de ganhar a rua; foi assim diminuindo os passos, pôs-se de lado e segurou meu o braço para se esconder. Quase sonâmbula, Verônica e a concentração dos tatos e dos pés, dependurada no braço, vai viver a vergonha e a fantasia próxima de mim.

Experimentou como pôde o chão da cidade, fez o caminho de volta a pé. Parava nos sinais, atravessava as ruas, ia pelas ruas menos movimentadas a se acostumar.

Vimos por dentro de Amsterdã, cruzamos o mapa da cidade através dos canais sem usar a Rokin e a Damrak. No cruzamento do Brouwersgracht com a Singel, Verônica parou em frente ao Rasta Baby e disse que queria fumar.

Os copos de uísque... até boa parte do copo não disse nada, quando tocou minha perna de leve com a ponta do pé, o olho mais verde que a grama do parque.

– Você gosta de me ver assim?

– ...

– Você dá tantas voltas... – cruzou as pernas sobre as minhas pernas, queria ser abraçada por causa do frio e me beijou.

A noite caiu durante o namoro.

Verônica bebeu bastante, depois pediu que lhe comprasse ecstasy ou cocaína, tanto faz, só quer ficar acordada.

Mandou os papelotes nas dobras do casaco, cheirou um punhado de coca como se me chupasse o pau, vamos embora agora porque gosto de te ver descalça, bêbada e drogada.

A PARTE DO LOBO

O tempo da mão e da maçã, o único desejo seria não desejar nada, mas ainda não.

Do lado de dentro, Verônica acendeu o luminoso dos preços e as cortinas fechadas do quarto da frente antes de começar.

O VÔO DA GARÇA

Suspensa do chão, as mãos presas por cima do corpo sem poder abraços, Verônica tentava me alcançar com as pernas livres. Quase não dizia nada, oferecia a boca e a boceta para me beijar, masoquista minha e a sua primeira vez no espelho.

A PARTE DA LEOA

Verônica posava para mim diante do espelho. Amordaçada, mordida a bola de borracha da ball-gag, o

demônio mudo. Espera pela hora do estalo, sua vida plena de preparos e de clássicos da literatura a terminar agora.

Amada em seu amado transformada, Verônica foi quase previsível, riscada com chicote. O protesto abafado a explodir sem voz, mudo na mordação, e o prazer assustador de cada chicotada pelas costas suas como se fosse escrava.

A PATA DA GAZELA

– Ela fez tudo isso, assim tão pródiga? – e gargalhou como se fosse vexame, sacudiu a cabeleira ruiva.

Serena mal podia acreditar no que ouvia. A boca aberta dizia estou pasmada, os olhos curvos vão morrer de inveja e de ciúmes da Verônica hetero-masoquista.

– Onde ela está agora?

– Na casa dela.

– Só isso?

Meu silêncio em suas fantasias, Serena ficaria irritada se demorasse muito.

– Na biblioteca? – a pergunta grito – Algemada? – quase que descia as mãos ao ventre, que mordida os lábios – Nem precisa de algemas para prender Verônica naquela biblioteca idiota. Ela é maluca, acredita que não me deixou nem tocar nos livros das estantes? Disse que eu era descuidada, que ia estragar os livros... Teve medo de mim!

Serena exagerava, forçava o desinteresse quase burra. Descruzou as pernas, andou pela sala a procurar cigarros, terminou diante de mim; os seios no decote, quer que acenda o baseado tora... “veio aqui me ver ou para se exhibir?”

– Descalça? No meio da rua? – e escondeu o rosto entre as mãos abertas – Sempre pensei que você me preferisse por causa dos cabelos...

O sentido pelas diferenças, fui lá para juntar as duas não só por causa dos cabelos. Serena de pé, como nas vitrines, se livrou da calça de algodão e das meias coloridas.

– Minhas pernas são bonitas? Meus pés são bonitos também? – levantou a camisa, descobria o púbis e o meu pinto duro.

– Duvida eu sair assim na rua? Ainda abro os botões da blusa e mostro meus peitos sem sutiã. Vou aonde você quiser...

– Hoje não – talvez duvidasse – faz frio e não quero te aborrecer.

– Frio! Que lindo! – subia sobre mim de novo – Você se preocupa comigo.

Claro que me preocupava. Apenas mexi nos seus cabelos soltos, Serena sobre mim de novo quer saber “que mais que você fez com ela”, se “ela agora é sua?”...

– O que você faria, Serena, se eu dividisse Verônica entre nós?

SERENA NA GAIOLA

– Enfia seu pau dentro de mim que eu respondo. Vou cansar você, Cláudio... para Verônica, nada... só para mim agora...

O pau duro dura, segurava tudo. Serena gozava, fingia que gozava, gozava quanto queria. Colocou a rola pela boca a dentro, ofereceu a bunda e a boceta; me punhetou com os pés quando insistia, até quando preendi os tornozelos mãos e paramos.

– O que foi isso? Algum contrato feito com Verônica? Se você não me queria, não devia me procurar.

Serena fazia o papel da outra, quando brigamos diz que é a filial. Afinal, amar demais passou a ser o meu defeito.

O SOLO DO TAMBOR

– Se você gosta de bater em Verônica, por que nunca quis bater em mim?

Somos violentos sim. Só você não percebeu que sim, Serena.

– E você, bateu nela alguma vez assim?

Pense bem se responder que sim.

MODO DE ANDAR

Chocolate quente, o creme, a bomba de Super-Skunk. Enquanto fumava, a delícia do vapor do leite, da

erva queimada, seria outro e o perfume da boceta de Serena sob as unhas toda vez que eu tragava.

O chocolate que já vira creme, Verônica me espera para jantar; eu só queria me atrasar um pouco.

A névoa fina da fumaça vibra e a vista do alto da montanha é cinza, da cor do céu de Amsterdã por cima.

A BIGORNA E O MARTELO

Encontrei Verônica na biblioteca. Disse que me viu chegar através da janela, admirou o modo de andar, disse que vinha bonito.

– Você demorou, faz tempo que terminei.

Esperava por mim distraída, encostava na parede a olhar para fora. A luminária longe, Verônica fica difusa e encantada no meio da sombra vermelha, o cigarro de haxixe aceso, o perfume do haxixe arde.

Verônica vestia calças pretas que escondiam parte dos pés. A pele de cobre ao redor do umbigo brilha, o ventre liso brilha quase nada, seu cabelo cresce.

– Quer fumar comigo?

– Haxixe com tabaco, não.

– Tudo bem com você?

A pergunta flutuou no ar, mais leve que o ar sobre a fumaça.

– O que você faz quando não estou por perto?

– Estudo – disse através da janela – leio e escrevo sobre todos esses livros, que ficam tão bem no meu quarto.

A beleza original de Verônica, por pouco não seria minha. Podia ver parte dos pés descalços sob a barra da calça, senti o pau de novo. Verônica de rosto virado a sustentar o corpo na perna direita, dobrava o outro joelho para se apoiar na ponta dos dedos do pé, feito cabra.

Sentado na cama, procurava algum livro fora do lugar nas estantes; nada por cima da mesa, dos lençóis, nada vazio entre as prateleiras.

– O que você tem lido?

– Cada dia eu leio livros diferentes. Hoje li Robert Fludd, Goethe e Henry Miller, um pouco de cada.

– Leu *Afinidades Eletivas*?

– Não, dessa vez foi *Fausto*, depois li *Trópico de Capricórnio*.

Agora ela se volta, olha para mim, põe os olhos tristes sobre mim:

– Leio assim porque tanto faz, os livros parecem os mesmos - e falava de literatura, falava de música, contou que fizera aulas de violino quando menina. A voz soava como num rádio antigo, rádio ainda de válvula, Verônica vinda do passado como nas fotografias – Às vezes, acho que estamos sozinhos aqui e estamos mortos.

– Você sabe cantar?

– Por quê?

– Sua voz é bonita.

– Minha voz? Só agora você percebeu minha voz?

– Sua voz ...

– Minha voz é linda, Cláudio, é a voz mais bonita que você ouviu. Se eu fosse você, teria se aproximado de mim só por causa dela.

Mordia os lábios, puta da vida permaneceu muda depois do reboiço, surtada na parede do quarto. A voz, o sexo oral ...

– Posso te pedir uma coisa?

Me pediu para tirar as algemas dos tornozelos e esperar que se banhasse em paz. Fiz o que queria, queria ficar sozinho.

Desci as escadas até a cozinha, queria café e Super-Skunk; queria meter com Verônica amordaçada, Verônica no banho tocando violino.

Molhava as notas com os dedos, o arco aponta em direção ao céu, debaixo da chuva a música lá de cima movimentava o mundo pequeno da cozinha, dá vida às vaquinhas pintadas nas xícaras e no bule – as vacas vão cantar também.

Havia o porão logo abaixo da escada que dava na biblioteca, basta levantar o tapete do corredor e a tampa de madeira aparece – a porta na horizontal – outra escada e o escuro.

A iluminação varia da escuridão ao tudo, o interruptor redondo parece peça de museu.

O porão em forma de quadrado mágico parece o museu do sexo e da tortura, nada de seda para fingir que dói, tudo de verdade.

DE OLHOS BEM VERMELHOS

– Drogas, Cláudio, tempero da melhor qualidade – confirmava Verônica, satisfeita com a salada de folhas verdes e o salmão defumado, bebia chá de tangerina e laranja. Depois fumou.

Esperava que me perguntasse... “o que você tem, Cláudio?”, “quer me dizer alguma coisa?”... Mas ela rolava na cama de camisola justa, segurava o cigarro de maconha, ia e vinha dos quatro cantos da casa.

O cabelo em crescimento, os pés descalços desde o Vondelpark... Ela e a metafísica, o ser em si transborda, peguei a corda perdida por ali.

– Você quer me prender? Ainda é tão cedo... – Colocava os braços atrás do corpo, oferecia os pulsos, os mamilos duros e pontudos sob a camisola.

Ofereceu os pés, andou pelo meu braço, pisava no meu rosto pela minha boca.

– Ainda não, quero te contar umas coisas.

– Por isso você está me amarrando? Se não amarrar meus pés, vou fugir.

Fiz o que pediu, agora vamos conversar.

– Não! Vou falar o tempo todo, você vai ter..

– Sem nada na boca, Verônica, quero conversar.

– Então vai ter de arrancar as coisas de mim à força.

A HORA DO MARTELO

Verônica aparece atada ao tronco dos castigos sem a camisola justa. Amarrada de pé, na ponta dos dedos, amarrei os pulsos na argola de ferro, os tornozelos juntos.

A mordança de rosto para loucos – se Verônica pudesse falar – peguei o chicote de muitas franjas de couro, peguei um chicote para cada mão.

O vôo da vespa, o grito de verdade agora, a chicotada afora viraria urro.

O risco vermelho, a zebra vermelha, o rio fino rubro, roxo, fica nas costas, nas coxas e nos braços suspensos.

(...)

Acendi os incensos e o baseado.

Eu ali embaixo podia lhe queimar o corpo com as brasas, ela só respiração, lenta, regular, apoiava seu colo na madeira lisa. O calor imenso no porão fechado, Verônica transpirava sem poder mexer as pernas e os pés.

Minha roupa ficara por ali, as pernas cruzadas, como se meditasse. Dava para ver as coxas, os braços cruzados sobre o peito, feito morto em vertical. Peludo, quase macaco, segurava o fumo e a fumaça.

Ela sabe como a história acaba... eu amava Verônica como nunca amei alguém na vida...

Quero a minha liberdade, um cavalo, alguma coisa para comer no caminho.

Quero ainda maconha e muito vinho, quero mais uma coisa...

O PORÃO DEBAIXO DO PORÃO

- Não!
- ...?
- Nunca!

Outra volta e Verônica seria dividida em duas, correias nos pulsos e nos tornozelos para o corpo tenso, presas nos eixos, nas extremidades do leito e nas manivelas de girar os eixos.

Deitada de costas, Verônica surgia em agonia lenta se chicoteava os seios e o ventre, se furasse os seios com agulhas, se queimasse os pés e as coxas com a ponta acesa dos cigarros e incensos pelos braços, os seios e as axilas.

Quase que não se mexia, outra volta e não se mexe mais.

O POÇO

Serena, na janela do museu como ditadora, fumava o cigarro escondida dos guardas e dos seguranças. O Sol brilhava pelo céu azul, caía sobre seus cabelos e Serena ficava mais ruiva. Soltos, escondiam o rosto, disfarçava a indiferença aos quadros do museu.

A roupa colorida faz barulho, os pêlos ruivos nos braços e nas pernas. Serena estranha, de saia indiana, cheia

de espelhos a enfeitar a saia de estampas e bordados. A blusa justa por cima mostra os ombros e o umbigo, a blusa justa, difusa como a saia, brincos, colares, pulseiras, os anéis nos dedos das mãos e do pé.

As unhas pintadas de vermelho, calçada com desleixo falso, o vestido falso, fingiu desentendimento e susto logo que me viu chegar.

– Se soubesse que era você tinha dado mais umas tragadas... Daqui a pouco vou fumar mais um lá naquela janela... Isso mesmo, vou fumar um mentolado...

Marcar o encontro no museu foi idéia minha, queria aborrecer Serena e chegar atrasado.

– Cláudio, vamos embora logo?

– Qual dos quadros você prefere?

– Nenhum. Vamos comer alguma coisa lá fora...

Quando fizer frio, voltamos para cá e prometo preferir.

Perto do Stedelijk Museum há uma pracinha. Se ainda se lembra, há nela quiosques vendendo comida e cartões postais. Sentada no banco de pedra com as pernas cruzadas, Serena comia cachorro quente fazendo caretas, sujava a boca de vermelho e de maionese.

Despenteada, só foi mexer nos cabelos depois da comida.

– Duvido que você consiga sentar desse jeito - as pernas debaixo da saia, mexia os pés sob o tecido fino, mostrava os seios pontudos sem sutiã.

– Você consegue porque o seu miolo é mole, é ele que entorta seu corpo desse jeito.

Serena é toda tonta, ria das respostas tontas, até já estava descalça debaixo da saia.

– Acho que nem imagina como gosto de museus. Uma das primeiras coisas que fiz quando cheguei em Amsterdã foi visitar todos eles, você escolheu aquele de que gosto mais. Fui nos museus do sexo também; o melhor fica na Red Light, acho o da Damrak muito comercial.

E ela flutuou.

Falava das gravuras de John Lennon, no museu do sexo... falava de Rembrant, em sua casa... do museu da maconha e dos rastafari... dos acervos... das exposições... foi comprar outro cachorro quente e arrumava as mangas curtas da blusa, debaixo dos ombros.

CAFÉ E SUPER-SKUNK

O amigo Egípcio não estava no coffee-shop.

Para conversar com Serena longe da rua, foi o melhor lugar por perto para conversar, cheio de fumaça e vê-la concordar comigo, esboçar sorrisos, parece que sabe que vai ser legal.

AMOR A TRÊS

Eu era o próprio Calígula no sonho, como nas pinturas e nos filmes. Começava na Fontana di Trevi para terminar no Kremlin, no meio do caminho eu dirigia a biga, quem puxava a biga só pode ser Verônica e Serena a atravessar o céu em disparada. Metade ave, metade ambas, ave César!

Serena fumou a tarde toda no coffee-shop do Egípcio. Ela e as bombas de Super-Skunk – apenas é erva se é Super-Skunk – apoiada no balcão através da janela, dava para rua, dizia gostar de lugares assim: fumo, café e um monte de vagabundos.

Serena ficava magra naquele vestido, os olhos trincados na vertical como ninguém ficava.

SERENA NA JANELA

– Detesto coisas que demoram muito; detesto cinema, teatro, romance e rock progressivo. Prefiro poesia, nada que passe de duas páginas, uma do lado da outra.

Serena lia poesia.

Desmontada em cada palavra, as horas passavam cor de argila molhada, sem farol e sem sentido.

Saboroso, como num banquete, a imaginação ativa que penetra no mundo das coisas e faz a cidade cinza brilhar da cor verde, da cor do skunk.

Meu câncer me fazia Deus, me fazia anormal. Débil mental, Serena beijava a boca, mostrava as pernas e a alegria.

COMIDA CHINESA NO PRATO COMBINADO

Metemos o resto da tarde no apartamento de Serena.

Subiu as escadas bem na minha frente, carregava nas mãos as sandálias e a blusa, escondeu o colo desde a porta da rua.

Logo mais à noite, quando ficou pronta:

– Vamos jantar. Quero que as pessoas pensem que estamos namorando.

Amsterdã desemboca na Rokin e a Damrak, nas curvas dos canais e da cintura de Serena, no vestido preto. Depois o frango xadrez, o molho agridoce e os peitos dela no decote.

– Você já comeu uma chinesa?

– ...?

– Tem uma chinesa linda atrás do balcão.

As chinesas só no cinema, uma japonesa eu comi.

Não faz muito tempo que comi a japonesa aqui, e foi dessa vez, em Amsterdã. Serena e sua chinesa me fizeram lembrar da noite esquecida, quase intervalo, quase me esqueço da noite inesquecível.

– Sabe o que ia ser legal? Chegar na moça chinesa.

BEM DENTRO DO SEU MUNDO

– Adorei passar o dia todo bem dentro do seu mundo
– disse Serena enquanto bebia uísque e mandava coca no banheiro do coffee-shop jamaicano.

Os beijos outra vez na boca, em frente à casa de Verônica pareceu insegura.

Ela conhecia o lugar, esperou sentada na sala da frente. Deixei a carreira esticada e fui encontrar Verônica no andar de cima.

LUCAS, CAPÍTULO 10, VERSÍCULOS 38 A 42

O céu nublado era uma nuvem só, lâmina de chumbo que brilhava como se fosse prata. A hora incerta, espero pela demora da noite iluminar a biblioteca nos cantos indefinidos. Fazia frio lá fora, a chuvinha miúda deixava a rua quase deserta.

Serena lia deitada na cama. O foco de luz da luminária clareava as páginas, fraco para ser engolido pelo fim de tarde e se perder nas sombras do quarto. Lia poesias japonesas, curtas e rápidas, traduzidas para o inglês falavam do verão, da chuva, do ano novo.

Verônica parecia dormir, de olhos fechados repousava do lado de Serena. Dobrada sobre si mesma, colocava a cabeça sobre as pernas dela, Serena que acariciava seus cabelos. Os pulsos amarrados, os tornozelos também... Verônica passava agora a maior parte do tempo amarrada ou algemada dentro de casa.

Eu não fazia nada, olhava. A casa, agora do tamanho do mundo, boiava na chuva que inundava a cidade devagar, ia à deriva pelo oceano e o céu. Quase não saía mais, saía para comprar cigarros, maconha, cogumelos secos... poucas vezes saía para passear sozinho.

– Um dia desses eu vi você e duas mulheres, a morena e a ruiva. Vi vocês três pelos lados do Prins Hendrikkade, em frente à Centraal Station. Até acenei, mas havia tanta fumaça no ar que ninguém notou.

Fazia calor nesse dia em que o Egípcio quase nos encontrou fumando no Rasta Baby.

Apenas coloquei as duas juntas novamente. Quem as visse como naquele dia, a dividir segredos, um casal de lésbicas. Verônica descalça, de vestido preto, do lado de Serena seriam uma para a outra. Depois de fumar, nos turnos do colo sentadas na mesma cadeira, foi isso que o Egípcio viu, por isso acenou.

O olho da tormenta, os ares de farra nas conversas e nas propostas de comprar ecstasy... Quando os traficantes chegassem, Serena faria com que Verônica fosse comprar as drogas para se divertir com a amiga constrangida e descalça.

Quando chegaram, na hora do comércio eu me adiantei e fui.

Fui por causa delas, porque gostava de vê-las, foi para rever o estranho. Um olho para cada uma, do outro lado do cérebro vinha como vento a música, a fumaça branca...

– Deus seja louvado – disse o traficante certo, a mão direita no meu ombro esquerdo, a cabeça baixa na pupila atenta – Vamos negociar?

O rosto singularizado no sorriso franco, o rapaz bonito do muro de marfim parecia ao mesmo tempo árabe, judeu, indiano. O dialeto difuso dos comerciantes, abriu o casaco, exibia as drogas do mercado: cocaína e ecstasy, ácido e heroína, absinto puro, saímos de lado para conversar.

Na murada do canal que se desdobra ao redor:

– Hoje seria um belo dia para começar a era messiânica – disse admirando o céu, olhava para o céu enquanto esmiuçava a porção de erva diferente, floreada de pedrinhas verdes – desse você nunca provou; verde, como nos olhos dela. Essa erva vem das arábias, é tecida no tapete mágico. Aqui, em Amsterdã, só eu tenho esse tipo de coisa.

A bomba em forma de torre, pronta para explodir em todas as línguas... Antes de fechar o cigarro murmurou em voz baixa sobre a seda, estendeu a mão passando o fumo, pronto para cumprimentar de mão aberta:

– Meu nome é Camilo, e o seu?

Me chamava Cláudio, as duas esposas são Serena e Verônica.

– Meu pai me chamou Camilo por causa de um guerrilheiro cubano. Você vem das Américas, não vem? É minha próxima parada, quero conhecer a Bolívia e o Rio de Janeiro.

Terrorista das drogas, gostava cada vez mais dele. Imaginava Camilo de turbante, barbudo, troca tiros com a polícia carioca e os traficantes do morro.

– Se você fosse fazer um tipo de droga, que droga você faria? Deus fez a maconha, a papoula, a erva doce... fez todas as sementes para dar barato.

Alucinação da bomba, completamente demente, “viu como é bom? As flores verdes pelos galhos verdes”. O fumo de Camilo entortava a cidade, “vivo chapado, por isso vou morrer chapado”.

Camilo gastava seu tempo comigo; Serena beijava Verônica na boca.

– Tenho certeza de que não foi acaso, você me reconheceu e sabe que a melhor árvore da praça é minha. Não se lembra de mim?

Camilo me vendeu naquela tarde a melhor cocaína do velho mundo. “Pura flor”, como Camilo dizia. Mais ligados do que fio elétrico, a noite permanece dia através dos olhos, fechados sobre os três como o porão da casa. Nos primeiros dias, nos últimos... “ou ela, ou eu”, como se impôs Verônica.

Primeiro em mim, nas histórias contadas no apartamento, Serena reencontrou Verônica e nosso amor à três havia começado antes. Chapada de pó e chinesas, nem sequer pensou em disfarçar o encanto e a dor quando aflorou na boca, feito rosa, quando viu Verônica de novo.

Naquele dia, antes de encontrar Serena no museu, passei a manhã transando com Verônica. Antes de sair, chupei seu cu, sua boceta durante muito tempo; Verônica mordeu várias bocas quando lhe meti pelo corpo dois pintos de silicone, no cu e na boceta. Depois a continuidade da curra, a peça de couro vai manter os pintos no lugar, cheia de fivelas e cintas. Algemei os pulsos para trás, para que não se soltasse, algemei os dedos dos pés.

De noite, a visita espera na sala, encontrei Verônica deitada de bruços.

– Você ainda está com tesão? – disse em voz baixa, o pau duro apalpa, minhas pernas duras – Você meteu com

Serena a tarde toda e veio me libertar. Sinto o cheiro dela na sua boca, na sua roupa ...

Vendei-lhe os olhos no lenço negro, deixei os olhos tristes para me concentrar nas cordas e no corpo. Amarrei os pulsos na cabeceira da cama, amarrei os tornozelos um em cada canto.

Serena entrou na biblioteca como se entrasse em transe, a sarça arde sobre o chão sagrado, a marca de coca no nariz e lábios. Subiu descalça e sem o casaco, pediu outra carreira pálida, sentou-se na murada da cama para ver Verônica amarrada.

Eu, cá do mundo das ervas, enrolava mais uma bomba. A luz era cor de laranja, longe do rubro intenso, desfazia os contornos da biblioteca.

Serena leve, ladra dos museus, Verônica sentiu que vinha desde a escada abaixo. O tato, as unhas de Serena e o beijo, Serena foi se deitar nua junto de Verônica.

Violará todos os contratos, não há mais reserva, chega de leitura nas bibliotecas. A puta das putas para Serena, para a rua e o asfalto sujo do chão, para os coffee-shops e a Red Light inteira.

No último sonho da história, ainda me lembro das duas. Havia o piano de cauda, um quarto de cauda, do tamanho do corpo de Verônica. Ela deitava amarrada sobre a tampa do instrumento preto. Deitada de costas, suas mãos foram amarradas longe, as pernas presas acima do teclado, abertas. Não vestia nada, só as cordas e a ball-gag na boca. Serena no teclado toca, a música maluca soa pela partitura adentro.

E se tivesse ficado com a moça que veio do Japão, que foi delicada comigo? A Hanya de porcelana branca chegava até Nagazaki? Seria metade homem, metade monstro da bomba H, passaria as noites com ela em Tóquio SM a assistir à mocinha nua, que se amarra sozinha, se suspende sozinha. Um pulo em Xangai para assistir à *Fúria do Dragão*, conhecer Mian Mian, os analectos de Confúcio e voltar para o Japão antes de morrer.

O porteiro e as putas, naquela hora da noite, antes de Verônica, a japonesa única. Alucinado de coca, só fui meter tempos depois, antes de dormir chapado. Ela ficava nua comigo e falava.

Serena ficou encantada com o porão das torturas, fez com que Verônica sofresse em todos os aparelhos. Verônica perdia o ar, sufocava, Serena continuava batendo e morando na casa. Aconteceu ao cair da noite, quando cheguei, dei com Serena estirada na cama da biblioteca, perdida de sono e cansaço, dormia feito menina. Tomava todo o quadrado, pronta para ser fumada.

Encontrei Verônica no porão arrumando a casa. Achei bonita, bebeu uísque, riu comigo e por pouco não me beijava. Disse, no meio da fumaça e sentada sobre o verniz do leito de madeira, balançando as pernas cruzadas pelos tornozelos, que a diferença entre uma horda e uma hora é a mesma.

O pó de Camilo pela noite afora, no tapete branco vimos expirar a hora da janta e voltamos para casa de madrugada. As duas pareciam amigas, quase sem mim

chegaram de mãos dadas juntas e ainda bebemos e cheiramos mais. Fumamos também, Serena sonâmbula tirou os brincos, os sapatos e a roupa. Sorriu para Verônica e foi-se pela escada acima cair de bruços na cama e dormir.

Foi então que Verônica, comigo no meio da fumaça, se tornava sã, sem sorriso bobo, sem sexo, sem algemas. Bêbada, cheia de maconha e coca, seu corpo ficava cor de prata e os olhos verdes, cinza cor de prata.

VIENA E O DIVÃ

O jardim florido e bem cuidado do museu me fez rir quando pensei em dizer o quanto é bela e bonita a natureza. Atrás, salas brancas e arejadas, embaixo, o jardim, e bem na minha frente, salada de atum.

O céu da Áustria não é como o da Holanda, mesmo chapado seu brilho é diferente.

Ainda no trem, insistia em procurar maconha nos bolsos do casaco.

Verônica disse, do nada, que escolhesse entre ela e Serena, “ou ela ou eu”, colocou nesses termos porque sempre soube que seria ela. Serena foi embora no dia seguinte.

Antes de dormir, Verônica me pediu que fosse embora junto. Não para sempre, por pouco tempo, apenas por uma semana. Pediu que lhe assinasse uma procuração e que não levasse drogas, não me queria preso ao cruzar a Holanda. No dia seguinte, me colocou no trem, me deu bastante dinheiro e “divirta-se na Áustria”.

Desobedeci Verônica, escondi skunk suficiente no forro do casaco. Só com maconha, dormia muito no quarto do hotel – nada de tumbas – fui a museus, à casa de Freud, sex-shops como os de Amsterdã.

Quando voltei, entrei em nossa casa e encontrei a longa carta de despedida.

A casa, os livros, os porões eram meus agora. Escrituras, procurações, contas pagas... Até as clientes bissexuais eu herdei. Herdei Frida! Verônica repetiu várias vezes na carta que cuidasse dela.

No mais, me amava muito, nunca amou ninguém assim, jamais iria me esquecer.

DOIS DIAS ANTES DO ÚLTIMO

Chapado, parecia bobo batendo palmas e arriscando passos, até que a moça de túnica rosa me fez dançar também.

Quase nada para fazer, o ecstasy fazendo efeito, fumado até o pescoço e ao lado da mocinha cor-de-rosa e dos músicos na Dam.

Devotos de Krishna celebravam a renovação do mundo, as cores alegres e eu vestido de preto.

No meio da praça, a dançarina invadiu a cidade e cantava.

UM DIA ANTES DO ÚLTIMO

Copas casa com espadas e ouro, com paus. As vermelhas são as fêmeas e as pretas, os machos. O curinga é o macaco.

Camilo perdia feio, eu poderia montar uma fazenda e o Egípcio, como Noé, administrava os casais. Havia um feriado no ar, nenhum sabia do que se tratava. Juntos desde cedo, as cervejas e as drogas de Camilo, as ervas e a cocaína.

Fizera Sol durante a manhã e a tarde. Agora, enquanto a noite vem, o pouco de luz que resta se espalha com suavidade, adivinha a cor para nos enredar.

Camilo disse que sentiu tesão em Verônica e Serena quando nos viu juntos; disse que não teria me importado de ficarmos os quatro, que ainda dava para ficarmos os três e Serena. O Egípcio se entusiasmou contente, falava do amor e de outras meninas.

Broxados de pó, restava falar delas mansamente, rememorar algumas fodas, mandar mais um papel... E aí, homem do Egito, fale mais dessas meninas.

O ÚLTIMO DIA

Retomei algumas manias da vida antiga, entre elas, a de tomar café no Eurocorner e fumar.

O céu ficava prateado, meio cor de chumbo, como gosto mais. Fumava na Warmoesstraat, no mesmo lugar do chocolate quente misturado com café expresso.

Em Viena, na noite em que não consegui dormir, fui até um sex-shop para pegar o folheto das atrações eróticas da cidade. A maioria gay, alguns bares de lésbicas, por fim, os sadomasoquistas.

Escolhi o que ficava perto do hotel.

Escondido no beco sem saída da rua comum, o endereço dava numa porta fechada. Sem campainha, sem interfone... Nada, só a madeira forte e envernizada da porta. O lugar incerto, o folheto estaria desatualizado, o constrangimento e não sabia se batia? Se não batia? Esperava se alguém aparecia?

A porta não abre, nenhuma moça aparece para me convidar.

A moça diferente, que me guiasse pela casa adentro, os cômodos se desdobrando em outros cômodos. Para cada um, um susto, primeiro só ela, depois ela mais outra, depois muitas mais. Dono da casa novamente, seriam todas minhas, escuto suas vozes a falar comigo.

Há alguns instantes, ainda as ouvia embaralhadas, até que lentamente, no meio da fumaça, uma se destacou e eu defini o murmúrio em alemão... “da liegt es rasend auf der Erde / und flammt noch immer und ergiebt sich nicht”...

Voz de moça, vinha daquela mesa que dava para a janela que dava para a rua. Reconheci o verso antes de terminar, enquanto recuperava o fôlego, completei “Doch sieghaf, sicher und mit einem / süßen grüßenden Lächeln hebt sie ihr Gesicht / und stampft es aus mit kleinen festen Füßen.”

Enfim Anete, como no começo, só não estava descalça.

Depois de tanto tempo, restava amarrar essa ponta solta. Me aproximei, ofereci a bomba acesa para conversar, conversamos por horas...

Disse que veio do Brasil também, que havia conhecido um cara na Alemanha, que haviam se apaixonado e antes de se mudar para lá, voltou em Amsterdã para ficar uns dias.

Por ali, por aqui, passei a tarde me encantando com ela.

